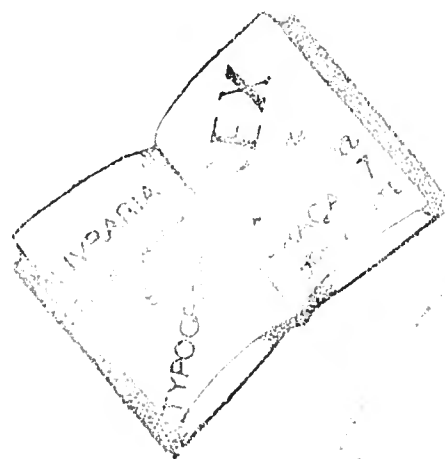


**Orientação sobre**

**a**

**J. I. C.**



**S. PAULO**  
**1 9 3 3**

---

500

Bibl. Juv. C.ss.R. Vice-Prov. Rio de Janeiro

Ciencias Gerais

sociologia

Ação catolica



# ● Orientação sobre

a

# J. I. C.



S. PAULO  
1 9 3 5

Promulgados em boa hora, trouxeram os Estatutos da Ação Católica o segredo de despertar em numerosos corações. um desejo ardente de colaborar na rechristianisação da sociedade fazendo-a voltar aos principios de nossa fe. Mercê de Deus e da orientação do Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano, na Arquidiocese de São Paulo, lentamente, mas com segurança, vão se formando e articulando numerosos nucleos de Ação Católica, principalmente das juventudes masculina e feminina.

Entretanto, não podemos avançar mais rapidamente devido a falta de melhor preparação; enquanto não tivermos almas formadas. inteiramente seguras das diretrizes e dos principios da Ação Católica, pouco poderemos fazer. Foi portanto uma benção de Deus a cooperação das Conegas de Santo Agostinho oferecendo-se para divulgar em vernaculo os principaes folhetos sobre Ação Católica. Para eles chamo a atenção dos moços e das moças, bem como dos fieis católicos, desejosos de trabalhar neste magnifico apostolado. Peço que leiam e meditem estes folhetos, maxime o do Rvdo. Conego Gardyn sobre a Joc e o presente opusculo sobre a Juventude Feminina Católica. Quanto melhor penetrarmos o pensamento do Santo Padre, mais eficazmente poderemos trabalhar na Ação Católica.

E é isto o que a Igreja espera de seus filhos.

São Paulo, 1.º de Outubro, festa de S. Pedro de Alcantara, 1935.

† José. Bispo Auxiliar.

# Orientação sobre a J. I. C.

-----  
(Juventude <sup>Independente</sup> Estudantina Catholica)  
-----

## Introdução

Muitas pessoas, desejosas de trabalhar nas fileiras da Acção Catholica, tem pedido informações sobre a organização da J. I. C. Até agora nada se publicou a esse respeito. Em S. Paulo, a Juventude Catholica orienta-se pela organização da J. F. C. da Belgica. E' por esse motivo que nós publicamos aqui o essencial das directrizes dessa organização, esperando assim, dar alguns esclarecimentos ás almas zelosas, que querem corresponder aos appellos insistentes do Santo Padre para a Acção Catholica.

## A J. I. C.

## I. A J. I. C. NA ACÇÃO CATHOLICA

A J. I. C. (Juventude Independente Catholica) é uma organização da A. C., agrupando todas as jovens de formação intellectual correspondente ao curso medio, profissional medio, ou superior, taes como certas empregadas (1), jovens que pertençam ás profissões liberaes, ao commercio, ás industrias, e funcionarias.

Conquistar o meio jicista, e, por essa conquista collaborar efficazmente com todas as outras organizações, tendo em vista rechristianisar a sociedade, *tal é o objectivo da J. I. C.*

A J. I. C. é indispensavel á esta rechristianisação, tanto por sua acção directa sobre o meio jicista como por sua acção indirecta fóra delle.

*O meio jicista* é aquelle onde os membros da J. I. C. são chamados a viver e a irradiar

---

(1) Certas empregadas, quer dizer:

- 1.º Aquellas que tem uma função de autoridade no seu meio de trabalho (chefes de serviço, vice-directoras, contra mestras, superintendentes, gerentes, etc.);
- 2.º Aquellas que tem uma situação professional isolada (por ex.: secretaria de profissão liberal);
- 3.º As empregadas que não se sentem bem, no meio Jicista.

Este meio tem mantido suas tradições christãs e uma certa vida de piedade, mas é ameaçado pela indiferença religiosa e pelos princípios do liberalismo e individualismo. Não é raro encontrar christãos praticantes, que cumprem regularmente seus deveres exteriores de religião, dizem-se “bons catholicos” mas são gravemente criticaveis, por seguirem doutrinas falsas quanto á familia, á profissão, á vida social e á vida publica.

Revelar ás jicistas os recursos e deficiencias do seu meio, ensinar-lhes a estratégia necessaria para ali combater a deschristianisação ameaçadora, é a primeira necessidade da J. I. C.

FÓRA DO MEIO JICISTA — Si a J. I. C. não existisse, outras organizações especializadas se achariam contrariadas na sua acção: para numerosas jicistas, a J. I. C. é a continuação logica da J. E. C.; por outro lado, a penetração dos princípios de justiça e de caridade christã na esphera influenciada pela J. I. C. sustenta efficazmente a acção das jicistas.

É especialmente entre as jicistas que o clero achará collaboradoras para todas as actividades parochiaes.

A J. I. C. age por meio de seus membros: as jicistas. A sua finalidade é dar-lhes uma **FORMAÇÃO PESSOAL**: Propõe-lhes um **PROGRAMMA DE APOSTOLADO**, objectivos bem definidos.

Formação e apostolado definidos pela sua divisa: “**APERFEIÇOAR-SE PARA MELHOR IRRADIAR**”.

A J. I. C. determina a attitude de seus membros: “**ATTITUDE INTEGRALMENTE CATHOLICA**”.

## II. COMO É REALISADO PELA J. I. C. O PROGRAMMA DA ACÇÃO CATHOLICA

A J. I. C. quer a expansão harmoniosa de todas as faculdades dos seus membros, na ordem natural e na ordem sobrenatural.

Ella não pretende ser o unico instrumento de sua formação. Sabe, perfeitamente, que outros tem começado este trabalho, mas quer continual-o, de tal modo, que as jicistas pensem e ajam como catholicas em todas as circumstancias de sua vida privada, familiar, professional e publica.

A J. I. C. conduz seus membros á um *estudo profundo* do dogma e da moral, e por este motivo os leva á pratica de uma vida de *piedade*

— 10 —

*esclarecida*, isto é, uma vida interior intensa, baseada na participação consciente aos officios da Igreja, na recepção regular dos sacramentos, no exercicio da presença de Deus e na devoção filial á Santissima Virgem Maria, Mediadora de todas as graças, sua padroeira.

Ella se esforça tambem, por fazer de seus membros personalidades de valor, pelo desenvolvimento de suas qualidades naturaes de coração, intelligencia e vontade.

O meio familiar, será o primeiro beneficiado pela actividade da jicista.

Consciente dos seus deveres, ella estará prompta a prestar á sua familia com alegria, bom humor e abnegação, todos os serviços que esperam della.

Instruida nos principios christãos do matrimonio e da vida familiar, ella se prepara generosamente para o seu papel de esposa, mãe e dona de casa.

A J. I. C. dá ás jicistas que exercem uma profissão, além do apoio religioso e moral necessario, vantagens profissionaes e economicas, por seus cursos, seu auxilio mutuo e seus serviços.

A's jicistas que não exercem profissão determinada, a J. I. C. dá a convicção da obri-

— 11 —

gação universal do trabalho, desenvolve a vontade de se consagrar ao trabalho generosamente e com regularidade.

Podemos concluir que a J. I. C., movimento da Acção Catholica, é tambem um movimento social, contribuindo ao estabelecimento da ordem social christã, por uma acção profunda sobre a mentalidade e os habitos das jovens jicistas. A importancia da restauração da vida christã no seu meio, socialmente tão influente, não pôde escapar a ninguem.

### III. MEIOS DE ACÇÃO DA J. I. C.

#### A) MEIOS PERMANENTES DE ACÇÃO:

##### a) *Organisação.*

Para realisar o que pretende, a J. I. C. deve, com methodo, agrupar as jovens, e fazel-as agir. Dahi sua organisação.

A organisação da J. I. C. é parochial, regional ou diocesana.

A *Secção parochial* é a cellula. Dirigida pelo Vigario ou seu representante, ella comprehende dois agrupamentos:

— 12 —

A *Comissão* é o agrupamento de formação para as dirigentes e de administração da secção. — Tem por tarefa adaptar á parochia as palavras de ordem, recrutar associadas, promover o zelo apostolico dos membros; em uma palavra, tomar todas as iniciativas uteis á secção.

*Circulo de estudos*: agrupamento de formação para as militantes. — O programma do Circulo de Estudos é fornecido todo o mez por meio do Boletim das Dirigentes (B. D.). Desenvolve os assumptos de estudo e os planos de acção das campanhas religiosa e social do anno, propostas conforme as directrizes das autoridades ecclesiasticas.

## A P P E N D I C E

*Condições para ser Jicista:*

Para ser Jicista, a moça deve:

- 1.º) Ser catholica.
- 2.º) Ter terminado seus estudos e não ter mais de 30 annos de idade.
- 3.º) Pedir sua admissão á commissão da secção local.
- 4.º) Fazer um estagio de 3 mezes.
- 5.º) Pagar sua contribuição.
- 6.º) Encher o boletim de adhesão.
- 7.º) Após o estagio, fazer o compromisso.



## I N D I C E

Carta do Rmo. Exmo. Snr. D. José Gaspar de Affonseca e Silva Bispo Auxiliar de S. Paulo . . . .	p. 3
Introduccão . . . . .	p. 5
I A J. I. C. na A. C. . . . .	p. 7
II Como é realizado pela J. I. C. o programma da A. C. . . . .	p. 9
III Meios de Acção da J. I. C. . . . .	p. 11
Appendice . . . . .	p. 13

## EDIÇÕES DA A. C.

1. CATECISMO DA A. C. — *Mons. Fontenelle.*
2. PAPEL E RESPONSABILIDADE DAS DIRIGENTES — *Mlle. de Hemptinne.*
3. ORIENTANDO... — Palavras do Sto. Padre Pio XI.
4. NOSSOS CIRCULOS DE ESTUDOS — *C. Verschraegen.*
5. VIVES O TEU BAPTISMO? (para Circulo de Estudos).
6. ORIENTAÇÃO SOBRE A J. O. C.
7. ORIENTAÇÃO SOBRE A J. E. C.

## EM VENDA TAMBEM:

Livros de formação para Acção Catholica em portuguez e francez.

EDIÇÕES DA A. C.:

Gymnasio Sto. Agostino (des Oiseaux)  
24. Rua Caio Prado :- : Caixa Postal, 2848  
S. PAULO

Rua da Quitanda, 58 :-: 3.º Andar  
RIO DE JANEIRO

EVOLUÇÃO DA JIC

- a) Até 1958, a JIC era um movimento de juventude feminina de M.I. para o M.I.

Com atuação maior na classe média, considerava como prioritária a penetração na classe burguesa, objetivo principal de seu trabalho. Tal situação constituía um motivo de frequentes revisões por parte do movimento.

Visava, através de uma caracterização da mentalidade burguesa, especialmente da moça, e do trabalho de equipe, uma transformação pessoal, de abertura para o outro, sentido de comunidade, de simplicidade, etc, isto é, promoção da mentalidade burguesa, tendo em vista uma vivência mais humana e cristã na família, no trabalho, no namôro, no divertimento. Enfim, levar a encontrar Deus através da vida.

- b) Com os programas sôbre Relações Humanas, em 1959, e Juventude de Alma, em 1960, o movimento se abriu mais e passou a formar grupos de rapazes e moças, nos bairros. Reunindo os jovens através do que lhes agradava - festas, pique-niques, esportes - faziam-se debates e bate-papos sôbre assuntos importantes, visando, com tudo isso, maior unidade dos jovens, levá-los a tomar consciência dos valores próprios da juventude e da necessidade de aplicá-los em proveito da comunidade, do bem comum.

- c) A partir de 1960, a JIC começou a despertar para o social, surgindo então, em 1961, o Programa de Acontecimentos, levando a "ver" os fatos de nossa vida pessoal e familiar, o que sucedia no Brasil e no mundo; a refletir sôbre o plano de Deus, a descobrir nossa missão em tudo isso.

A preocupação de conhecimento da realidade, por parte das militantes - inicialmente através de fatos pequenos: tomada de consciência da situação da doméstica, das famílias operárias, da miséria, em cada cidade - foi acompanhada, simultaneamente pela dos grupos de moças e tapazes, por meio do trabalho que com êles se fazia de contacto pessoal, de bate-papos, visitas às favelas, etc. Assim, verificou-se grandemente, uma transformação da mentalidade de cada um e um forte desejo de encontrar uma solução numa linha não paternalista.

Aos poucos, foi surgindo a necessidade de conhecimento maior de cada cidade, do país e do mundo. Quase tôdas as cidades fizeram, então, um levantamento sôbre a situação local da população rural e urbana e sôbre os grupos que dominavam, o que foi levando a turma a se conscientizar. Aos debates sôbre acontecimentos atuais em geral, seguiram-se outros sôbre Realidade Brasileira, política, reforma agrária, missão da mulher no mundo de hoje, etc.

Nas cidades intermediárias, considerando-se que, muitas vêzes, o grupo de JIC era o mais esclarecido, as atividades eram feitas visando a promoção da comunidade tôda. Dêste modo, na época das eleições as militantes promoveram debates com os candidatos, com participação de tôda a cidade, sendo que as perguntas giravam sôbre o conhecimento que êles tinham da realidade, não só municipal, mas brasileira; através dos meios de difusão locais, foram realizadas entrevistas, escritos artigos, etc, sôbre o levantamento da realidade local; houve, também, debates sôbre reforma agrária, reunindo fazendeiros, políticos, prefeitos e professores.

- d) No início de 62 começou a surgir a necessidade, não apenas de despertar os jovens e o povo para a realidade, mas da realização de um trabalho concreto, para a mudança do que se constatava.

Foi assim que, citando apenas 2 fatos, em uma cidade, surgiu uma associação rural organizada por elementos da JIC, para conscientização do homem do campo; em outra, após o levantamento do índice de analfabetismo, foi promovido um trabalho de alfabetização de adultos, para umas 1.500 pessoas, movimentando todo o povo para colaborar neste sentido.

e) Mas, notava-se ainda, uma insatisfação no movimento. As militantes, através de uma visão mais ampla da Realidade Brasileira e de suas implicações com a situação mundial, sentiam a exigência de um esforço maior, de uma atuação direta na transformação das atuais estruturas. Desta forma, em agosto de 62, ao lado dos grupos de bairro, surgiu a 1ª experiência no setor profissional, visando penetração nos órgãos de classe especialmente de professores, bancárias e funcionárias - e as militantes passaram a ser solicitadas para a direção de tais órgãos. Além disso, iniciou-se uma experiência de engajamento em um trabalho de alfabetização e politização, em favelas.

Esta foi uma fase difícil em que não se via claramente o melhor rumo a seguir; em que as militantes, solicitadas por novas exigências, sentiam dificuldades em participar da vida normal do movimento; em que este não estava, ainda, estruturado para dar cobertura aos elementos engajados. Mas, aos poucos, o engajamento foi se impondo como uma necessidade imperiosa e uma obrigação cada vez mais premente, a exigir uma reflexão e uma definição da JIC.

f) O Conselho Nacional de 1963 foi uma grande revisão do Sentido do Movimento. Dentro de uma visão mais ampla de realidade Brasileira e de Igreja, procuramos descobrir os apêlos de Deus ao nosso meio e à JIC. Daí surgiram transformações importantes para o movimento:

1) Partindo de uma análise profunda do Meio Independente, situamos as várias camadas que o constituem - aristocracia, alta classe média e classe média - sua formação histórica; sua inserção numa realidade em processo de evolução rápida, o que produz reações diferentes nas diversas classes sociais e passamos de uma análise de seus contra-valores, em que mais nos detínhamos anteriormente, a uma descoberta de seus valores e de sua vocação. Vimos, em resumo, que, através dos privilégios de que sempre gozou, o M.I. estruturou uma sociedade inautêntica para servi-lo. Estes privilégios levaram à posse privada de valores que deveriam ter uma função social: capital, instrução, profissão, técnica. A missão do meio é, pois, de colocar seus valores em revisão e a serviço do Bem Comum, colaborando, assim, com os outros meios, na realização do trabalho. Tudo isso vai ser duro para o meio e exigir dela uma conversão total.

Assim, verificamos que JIC, comunidade de salvação do M.I., movimento especializado da Igreja, é um movimento missionário, que atua na faixa ambiental, visando levar este meio a responder aos apêlos que Deus lhe faz, a assumir sua vocação na construção da História, a realizar sua missão, de acordo com o plano de Deus. Nossa atuação se desenvolve no sentido de ajudar o meio a descobrir a igualdade e dignidade de todas as pessoas humanas, a função social dos bens materiais e o valor da história. Desta maneira, o meio chegaria a uma verdadeira conversão.

2) Concluimos, ainda, que JIC deve atuar, prioritariamente, na classe média, uma vez que é a que tem maiores possibilidades de aceitar uma transformação, de pensar uma renovação; que, no mundo atual e grande, e tende a aumentar cada vez mais, a importância dos técnicos que a classe média é a mais numerosa que é o meio em que vivemos e que, por isso atingimos normalmente, enquanto que a burguesia é inacessível, muito mais arredia a compromissos, a responsabilidades e sacrifícios.

3) Dada a urgência de um trabalho decisivo de atuação nas estruturas consideramos o engajamento como a exigência fundamental, sem a qual não se pode mesmo entender a militância, nem se pode pretender um trabalho em profundidade de conversão do meio.

Refletimos sobre a importância de levar em conta os setores prioritários, numa linha de grande abertura para todos os pontos decisivos, e a opção pessoal; sobre a problemática do engajamento nos grandes centros e nas cidades intermediárias.

g) Depois do Conselho Nacional, devemos assinalar 3 pontos importantes:

1) A reestruturação do movimento, passando de uma organização em grupos por bairros, a outra, por setores profissionais.

Desta forma, surgiram várias equipes, destacando-se as de professoras primárias e secundárias, funcionárias, bancárias e de saúde (enfermeiras e médicos), atuando sempre na linha de um testemunho cristão engajado.

2) O surgimento dos primeiros elementos de uma JICM - engenheiros, médicos, economistas, oficiais da Marinha, bancários e funcionários - em Salvador, Belo Horizonte e Niterói.

Não queríamos que uma JICM surgisse sem uma reflexão de nossa parte, no sentido de ver quais os elementos que deveriam constitui-la. Isto será feito em maior profundidade no próximo C.N., mas parece-nos desde já que, além de bancários, cuja participação não se discute, há, ainda, possibilidade para elementos formados. Isto porque eles também constituem o meio, convivem normalmente com as moças de JIC, no trabalho, na família, no lazer e porque o simples fato de passar pela faculdade não dá a ninguém um atestado de maturidade. Se são jovens de III, devem logicamente, pertencer à JIC.

A tendência geral tem sido de formar grupos mistos e não grupos paralelos.

3) Continuidade no esforço de aprofundamento, em relação à Realidade Brasileira, a uma visão de Igreja e à missão do leigo.

H) A "revolução" de 1º de abril, com todas as suas consequências em relação ao de Realidade e de Igreja, exigiu uma parada para uma revisão do movimento e uma reflexão no sentido de encaminhar a busca de novos campos e formas de ação, enfim, de descobrir os novos apêlos de Deus.

Chegamos à conclusão de que, se muitos engajamentos não são possíveis continua a existir, hoje mais do que nunca, o nosso compromisso com a Igreja, a nossa responsabilidade como comunidade de salvação do III, a necessidade do engajamento e de um aprofundamento cada vez maior, numa linha de Igreja.

Verificamos que só a experiência concreta e a vivência de cada equipe de base poderão determinar as possibilidades e os tipos concretos de engajamento.

Continuamos a lutar para firmar o movimento em várias regiões e a ajudar as bases duramente atingidas pelas dificuldades que atingiram a JIC em todo um longo período de falta de permanente nacionais e assistentes - na reflexão e no aprofundamento que se fazem necessários.

Presentemente, as dirigentes do movimento, que participarão do Próximo C.N., estão se preparando, com as bases, para este Encontro.

FurCB

JEUNESSE INDÉPENDANTE CHRÉTIENNE

# JEUNES EQUIPES

JANVIER 1965

# JEUNES EQUIPES

Supplément à RECHERCHE

70, rue de Turbigo, PARIS (3<sup>e</sup>)  
C.C.P. : J.I.C. 5384-00 Paris  
Téléphone : 272-54-86

★

Directeur : Paul DECLAIS

## DERNIERE MINUTE

Le Mouvement est aussi tributaire des récentes mesures sur les Loyers.

Nous portons à votre connaissance la hausse de 55 % dont nous sommes touchés dès janvier 1965, pour la location des bureaux et de l'appartement des Permanents.

**Cela signifie 3.500 Frs de plus à trouver cette année.**

**Pensez-y en versant vos cotisations.**

L'Equipe Nationale.

## SOMMAIRE

Editorial : J.I.C. en 1965	1
Les équipes ont la parole	2
Vie du Mouvement Mon Frère, l'Étranger.	4
Enquête 17-20 ans « L'influence de mon travail sur ma vie de relations »	6
Méditation d'Évangile	8
SPÉCIAL 14-16 ANS La carte de relation, n'est pas du bidon	9
Enquête 14-16 ans Complétons ensemble notre formation	10
Présence au monde Le Syndicalisme et nous	12

Prix : 1,40 F

N° 120 - JANVIER 1965

## EDITORIAL

# J.I.C. en 1965

Pour chacun de nous qui sommes réunis en Mouvement, qui voulons agir en Mouvement, cette nouvelle année qui commence a nécessairement une dimension toute particulière.

Aucune année ne se renouvelle exactement comme la précédente ; chacune est l'occasion et le signe d'un progrès ou d'un recul. Il ne s'agit donc pas seulement de souhaiter pour le Mouvement, pour chacun de nous, « bonne année, » mais aussi de prendre conscience ensemble de notre volonté de progrès pour la J.I.C. en 1965.

Prendre conscience de notre volonté de progrès, c'est-à-dire ?

Dans la vie du Mouvement, trois réalités retiennent notre attention en ce début de 1965 :

★

Premièrement, il s'agit de la vie de travail des jeunes indépendants. Depuis le mois de septembre, le Mouvement tout entier est engagé par une réponse qu'attendent les jeunes de notre milieu pour un épanouissement à travers le travail. Le Mouvement s'est engagé, par cette réponse, à révéler à tous la dignité de la personne humaine et Celui qui en est le centre : le Christ.

### OU EN SOMMES-NOUS APRÈS QUATRE MOIS D'ACTION ?

Chaque Fédération a répondu à cette question au mois de décembre. Nous avons redécouvert la nécessité d'une réponse

réaliste à nos besoins, à nos aspirations de jeunes. Deux axes nous guident plus que jamais dans cette démarche :

- appuyer notre réponse sur une analyse objective des réalités collectives vécues dans la vie de travail de notre milieu.
- bâtir cette réponse avec les autres, la réaliser à partir de notre solidarité de jeunes, solidarité inconsciente le plus souvent et que l'action rend consciente.

En dehors de ces deux axes essentiels, nous ne faisons pas enquête. Rendre son enquête missionnaire c'est, pour la J.I.C., la première exigence d'un progrès.

★

Deuxièmement, il s'agit de l'approfondissement de notre conscience internationale. La vie d'un jeune indépendant a une dimension internationale : c'est un fait, une réalité. Nous le vérifions souvent à partir d'une vie de relations : de près ou de loin, y sont mêlés des jeunes d'autres pays.

La fidélité à la vie, à toute la vie dans notre action apostolique nous amène à inclure cette préoccupation des jeunes d'autres pays dans notre vie militante.

Répondre à la dimension internationale de notre vie, c'est la seconde exigence d'un progrès.

★



La troisième réalité à considérer dès maintenant est le XX<sup>e</sup> CONSEIL NATIONAL des 6 et 7 juin prochain. Comme les précédents, il marquera une nouvelle étape dans la progression du Mouvement à condition qu'il soit vraiment une révision de la vie et de l'action de tous.

Car cette révision, pour être source d'un nouveau bon en avant, ne peut que s'appuyer :

- sur notre analyse de la vie de notre milieu,
- sur un approfondissement, une réflexion sur la réponse que notre milieu attend du Mouvement.

Le XX<sup>e</sup> CONSEIL NATIONAL ne sera ni le XIX<sup>e</sup>, ni le XVIII<sup>e</sup>. Il sera ce que nous en aurons fait tout au long de l'année en vivant la J.I.C.

A cette condition il ne pourra pas ne pas être un nouveau progrès de la J.I.C.

Paul DECLAIS.



## LES ÉQUIPES ONT LA PAROLE...

*premier coup d'œil.*

TOUTE QUESTION MÉRITE RÉPONSE !

### DES SITUATIONS :

A SCHILTIGHEIM : « Si l'on travaille à la maison il faut s'adapter à l'ambiance dans laquelle on est : certains désiraient travailler loin du bruit, d'autres ne savent quitter leur transistor. »

A DIJON : « En Math. Elém. (Coll. X), pas de groupes de travail. Pas de représentant d'Amphi. en Fac. Sciences. Pas de Comité d'Entreprise à la boîte où travaille J. C. »

A PARIS : Jean-Luc : « On perd énormément de temps en métro, etc... Je totalise 24 heures perdues par semaine. »

Jean-Pierre : « Je travaille tout le temps, sauf le dimanche pour aller à la Messe, et le jeudi 1 ou 3 heures pour faire du vélo. »

A SCHILTIGHEIM : Des classes surpeuplées : « Le professeur ne travaille qu'avec les premiers et laisse tomber les autres ». Manque de professeurs : « Les horaires sont bousculés et il y a des flottements d'une heure pendant lesquels on ne peut rien faire. »

A LYON : Cabinet d'architecte : « Les dessinateurs n'ont que peu de responsabilités. Les fonctions de chacun sont mal définies. L'apprenti ne fait que les petits travaux ennuyeux et n'apprend rien, de fait. »

### DES RÉACTIONS

A VALENCE : « Un copain a organisé une réunion entre élèves pour étudier ce qui n'allait pas dans la classe. Essai

Pour ou contre le bruit ?

Des manques...

Question de proportions !

Une Volonté de Travail...

Un souci des personnes...

Des conditions qui gênent

Un sens de la Fonction à remplir...

Des gars qui se mouillent !

de modifications : Bruno rend visite à un professeur en vue d'un changement. »

A LYON : Discussion proposée par le chef d'agence du bureau d'architecte : « Chacun exprime ce qui d'après lui ne va pas, au bureau de dessin — dans l'Agence en général — dans le système de distribution du travail — dans la formation professionnelle. »

A DIJON : Aux Beaux-Arts : « Un délégué de classe se charge de l'achat du matériel et de la liaison élèves-prof. pour la répartition du boulot. »

AU PUY : Jean-Pierre est membre du Comité de sa classe.

A DIJON : Des délégués de classe : à M... Elu au suffrage universel, soutenu par la classe, ne s'occupe pas que d'administration. — A S. F. Délégué assez pâle : les gars se débrouillent individuellement. — Aux B. A. : Beaucoup de solidarité ; un délégué efficace : partage des fournitures.

J. Ch., Délégué du personnel, dans une affaire d'alimentation : « Pas de syndiqués, chacun se débrouille avec le Patron, pas d'initiatives dans la marche de l'Entreprise. »

### QUAND ON « CREUSE » UN FAIT...

A VAUX (Soissons) :

Gaby : « Ils étaient 30 dans une étude, ça ne pouvait pas durer, vu que les M. Spé. étaient 6 dans 3 études. Ils ont vu un chef de classe désigné naturellement, et qui remplit ses fonctions. Au début, ils ont pris une étude aux M. Spé. mais 2 études pour 30, c'était encore peu. Sur demande du chef de classe, confrontation avec Proviseur, Censeur, Maître d'internat, élèves de M. Sup. et de M. Spé.

Les cahiers de doléances étaient chargés :

— demande de sortie pendant midi : refus.

TOUTE QUESTION MÉRITE RÉPONSE !

Saisir les occasions !

Le Délégué-Miracle n'existe pas !

Sans le soutien effectif de la Classe il ne peut rien

Du système « D » au sens du Bien Commun !

La vie collective d'une Classe cela nécessite une organisation

Gaby partage avec les militants de son équipe ; comment partage-t-il avec les gars de sa Carte de Relations ?

TOUTE QUESTION MÉRITE RÉPONSE !

— demande d'occuper des salles libres : sur intervention d'un surveillant, on accorde salle de lecture, de 16 à 17 heures et de 19 à 20 h. 30.

— demande d'obtenir l'autodiscipline : accordé.  
Demande de coucher retardé pour travailler plus : refus.

(Les gars travaillent dans les douches et les w.-c., quelques-uns au dortoir avec des lampes de poche !)

Réflexion en équipe : « On creuse »...

Valeurs :

Solidarité dans le travail, pour faciliter le temps d'étude :

- dialogue avec direction.
- autodiscipline.
- volonté de réussir ; « on est là pour ça ».
- dominance du travail
- volonté de décrocher une situation.

— On prend des responsabilités pour la vie collective des internes.

Valeurs Evangéliques :

Est-ce que cela répond au plan de Dieu ?

- G. « Ça lui paraît évident... »
- solidarité qui demande à chacun un dépassement ;
  - des gars travaillent sincèrement pour leur situation.

Décisions :

Carnet de Militant : « Augmenter les contacts. »

Essayer de potasser « Jeunes Equipes ».

P. L.

Avec un peu d'organisation le dialogue devient possible : N'est-ce pas cela, PARTICIPER ?

Avons-nous réfléchi en équipe au sens vrai de cette « Réussite » ? Et avec nos amis ?

Est-ce le fait de tous ou de quelques Mordus ?

Comment les gars de M. I. se comportent-ils dans ce fait ? ... ou dans d'autres faits ?

En étendue ou en profondeur ?

BRAVO !

# mon frère l'étranger



notre carte de relations peut et doit être internationale.

Sous ce titre, nous voulons introduire une réflexion sur la dimension internationale de notre vie militante. Et pour engager cette réflexion nous partirons du travail réalisé entre les responsables des diverses J.I.C. et J.I.C.F. regroupés en Commission Internationale, et plus particulièrement de la seconde réunion de cette commission, tenue à ROME durant trois jours à la Toussaint 1964.

A cette réunion, la J.I.C. de France était représentée par deux laïcs et un Aumônier de l'Equipe Nationale.

## UNE RECHERCHE ET DES DÉCISIONS A ROME, DURANT LE CONCILE...

### La Recherche

Elle a permis de mettre clairement en valeur :

- La réalité d'une jeunesse des milieux indépendants et ses principales caractéristiques :

- son unité venant de la similitude de genre et de style de vie, venant d'une même mentalité, venant d'aspirations communes,

- venant de l'appartenance aux secteurs et aux fonctions territoriales.

- sa diversité dans les nuances sociales, les fonctions et les professions exercées, dans les opinions et « options » religieuses, politiques, etc...

- sa déchristianisation manifestée à travers un dualisme Foi-Vie, à travers un foncier individualisme, la recherche de sécurité, le manque de solidarité, etc...

- ses valeurs propres telles que la volonté de dépassement, la recherche de responsabilité et de personnalité, le sens du travail, de la générosité, etc...

- Les réponses données à cette jeunesse dans de nombreux pays (d'Europe notamment).

- d'ordre individuel à travers la pastorale normale de l'Eglise (prédication, liturgie, vie paroissiale, etc...)

- Ce genre de réponse ne parvient pas à toute la personne du jeune et reste inadaptée à la jeunesse.

- d'ordre collectif à travers des organisations ou des groupe-

- ments qui mettent l'accent sur la formation (spirituelle ou doctrinale). D'autres mettent l'accent sur des activités (charitables, de service) pour des moments précis et limités de la vie.

Aucune de ces réponses n'est tout à fait valable en ce sens qu'elle ne pénètre pas totalement l'intérieur du jeune dans ses actes, dans ses attitudes. Aucune ne met à l'action les jeunes en dehors du cadre qui les regroupe. Aucune n'est d'abord missionnaire en n'appelant pas directement à une conversion.

- Les caractéristiques d'une réponse véritablement d'Eglise.

- Une réponse d'Eglise part des valeurs humaines et religieuses vécues chez les jeunes, entre jeunes.

- Elle part de la vie quotidienne, elle vise à supprimer les obstacles intérieurs qui rendent impossible une adhésion profonde à l'Evangile.

- Elle vise un développement de la personnalité des jeunes jusqu'au surnaturel.

- Elle s'appuie sur l'action, le jeune se réalise essentiellement dans l'action.

- Elle tend à une action communautaire, à partir de la communauté de l'équipe dans les communautés naturelles.

- Elle fait découvrir au jeune qu'il ne peut s'épanouir sans s'ouvrir aux autres, que le salut est communautaire.

- Elle mène à une conversion intérieure par une réflexion sur l'Evangile.

- Elle se réalise grâce à des moyens et à une méthode adaptés (Méditation de l'Evangile, Révision de vie, Enquête).

### Les Décisions

Des contacts existent déjà avec des responsables de Mouvements en formation en Europe, en Amérique Latine, à Madagascar, à l'Ile Maurice. De leur part, s'exprime le besoin d'une confrontation avec les autres Mouvements, d'une mise en commun dans l'action.

Il a été décidé de permettre cette confrontation élargie à l'occasion d'une rencontre internationale qui se tiendra à SAINT-SÉBASTIEN en ESPAGNE, fin juillet 1965.

D'autre part, pour répondre à des appels précis, c'est-à-dire pour soutenir sur place des jeunes en recherche et en démarrage, il faut des moyens et des possibilités.

Il a été décidé de se donner ces moyens et ces possibilités dans les mois à venir, de rendre deux personnes disponibles pour cette action à l'intérieur de la Commission.

### ...QUI ENGAGENT CHAQUE MILITANT DU MOUVEMENT

Cette recherche, on l'a vu, s'appuie sur la vie de chaque jeune indépendant, sur l'action de chaque militant du Mouvement. C'est la dimension internationale de notre vie aujourd'hui, c'est l'action de chaque militant qui rendent possible et nécessaire cette recherche.

Mais c'est également cette dimension, cette action qui vont

rendre possible une progression à travers les décisions prises. Car ces décisions finalement, reposent sur la possibilité pour chaque Mouvement d'apporter la vie et l'action, sur les moyens qu'il pourra fournir. Ces moyens même matériels, dépendent de chacun de nous.

### Comment ?

- En prenant conscience que notre carte de relations peut et doit être « internationale ». Par nos contacts habituels en école, en faculté, en loisirs, dans la profession, en vacances, nous rencontrons des jeunes indépendants d'autres pays, d'autres continents. Nos amis eux-mêmes en rencontrent.

Les prenons-nous vraiment en charge au même titre que les autres jeunes ?

Leur nom, leur vie sont-ils quelquefois apportés en équipe.

Croyons-nous vraiment que cela peut aussi dépendre de nous qu'ils deviennent apôtres parmi les jeunes qu'ils côtoient, Français ou non ?

- En croyant aux possibilités des jeunes Français qui parlent voire quelque temps à l'Etranger (aide technique pendant le Servi-

ce militaire, stages d'études ou professionnels, vacances, etc...)

Nous en connaissons. Quelles relations gardons-nous avec eux (qu'ils soient militants ou non) ? Comment accueillons-nous la vie qui nous arrive à travers eux ? Cette part de notre vie de relations est-elle un « à-côté » ou entre-elle dans l'unité de notre apostolat ?

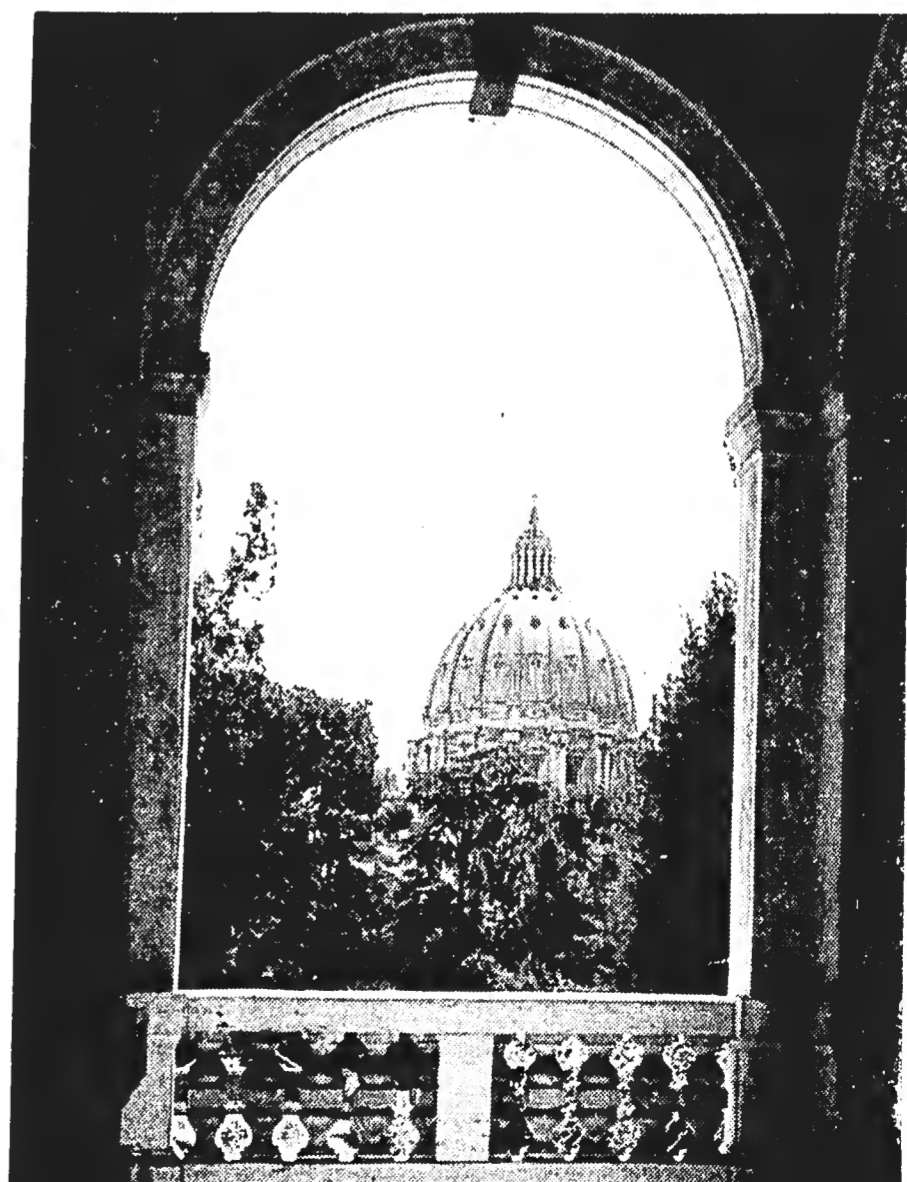
Sur ce point, il serait souhaitable que des échos puissent être répercutés à tous par « Jeunes Equipes ». Nous y reviendrons lorsque des faits nous parviendront.

- En donnant aux réalités précédentes leur pleine dimension apostolique. C'est-à-dire en acceptant que cela se concrétise pour le Mouvement par un effort plus grand qui va jusqu'aux réalités matérielles.

Effort plus grand pour le Mouvement, c'est-à-dire pour chacun de nous dans notre participation à sa vie matérielle.

Mon Frère l'Etranger... pour nous, le jeune Malgache, Italien, Brésilien, etc..., rencontré quotidiennement est-il d'abord un « Etranger » ou un frère ?...

Paul DECLAIS.



**ENQUÊTE 17-20 ANS**

# L'influence de mon travail sur ma vie de relations.

*Mon travail favorise ou empêche une vie de relations. C'est ce que nous nous proposons de réfléchir ensemble en ce mois de janvier.*

*Ce mois de janvier voit bien souvent renaître d'anciennes relations que notre travail nous empêchait de voir.*

*Mon travail me permet, ou ne me permet pas d'avoir des relations — c'est ce que nous essayerons de découvrir, non seulement en EQUIPE, mais avec nos amis, collègues, relations que le Christ a placés dans notre vie à l'intérieur comme à l'extérieur de notre travail.*

*Jésus-Christ porte beaucoup d'insistance sur les autres qui nous entourent — Il nous demande même de les considérer comme nous. Le considérons, c'est-à-dire*

*plus qu'avec Respect, mais avec AMOUR.*

*Mes relations ne sont pas composées pour moi Etudiant, uniquement des camarades de cours ; ni pour moi, Jeune Professionnel uniquement des amis rencontrés en dehors de mon travail (amis de loisirs et de détente).*

*Non, mes relations, ce n'est pas un cercle d'intimes que nous aimons rencontrer.*

*C'est plus que cela...*

*C'est l'ensemble des jeunes qui sont, d'une manière naturelle, en relation plus ou moins grande avec nous.*

*Partons de notre vie... et de celles de nos amis, et ensemble nous répondrons au SONDAGE de la page suivante.*

## PRÉPARONS LA RÉUNION

### Avec nos amis... Partons de la vie...

- 1° Est-ce que mon travail me permet d'avoir des relations vraies ?  
(dans mon travail, autres activités ayant rapport avec lui, et hors de mon travail).
- 2° Mon travail facilite-t-il ou est-il un obstacle pour avoir des relations suivies ?
- 3° Suis-je en contact avec des jeunes du milieu indépendant ?
  - a) pour les Etudiants : en dehors de mes cours ?
  - b) pour les Professionnels : dans mon travail ?
- 4° a) Est-ce que je parle d'autre chose que de mon travail à mes relations de travail ?
  - b) Est-ce que je parle de mon travail à mes relations situées en dehors de celui-ci ?
    - Qu'en pensent mes amis ?
    - Qu'en pensent les relations de mes amis ?

Je note mes réactions et celles de mes copains sur mon carnet de militant.

## PENDANT LA RÉUNION

### 1° Nous mettons en commun :

- ce que nous avons découvert comme réalités collectives de notre préparation de réunion,
- les réflexions faites avec nos amis,
- les réflexions de ceux-ci avec leurs relations.

### 2° Qu'est-ce que cette mise en commun nous révèle ?

- comme aspirations,
- comme limites,
- comme attitudes communes,
- comme conditions de vie  
(emploi du temps — manque de détente, etc...)

### 3° Comment mettons-nous dans le coup de l'enquête nos amis et les relations de nos amis.

- quelle action envisageons-nous ?
- comment l'équipe sera-t-elle apostolique dans la réalisation de cette action ?

### Nous pensons à l'action avec nos amis.

— Je note sur mon carnet de militant les difficultés rencontrées et les réalisations faites concernant ma vie et celle de mes relations.

## APRÈS LA RÉUNION

M. T.

## MÉDITATION D'EVANGILE

L'ESPRIT-SAINT FAIT IRRUPTION  
DANS LE MONDE.  
IL RASSEMBLE LES HOMMES, IL  
SUSCITE L'ÉGLISE.

Jésus Ressuscité envoie à son Eglise, son Esprit, l'Esprit-Saint. Baptisés et confirmés, c'est ce même esprit qui s'est emparé de nous. L'Esprit Saint, aujourd'hui, comme au jour de la Pentecôte, est toujours aussi puissant.

## Premier Texte :

« Ils s'étaient réunis et le questionnaient : « Seigneur, est-ce en ce temps-ci que tu vas restaurer la royauté en Israël ? » Il leur répondit : Il ne vous appartient pas de connaître les temps et les moments que le Père a fixés de sa seule autorité. Mais vous allez recevoir une force, celle de l'Esprit Saint qui descendra sur vous. Vous serez alors mes témoins à Jérusalem, dans toute la Judée et la Samarie, et jusqu'aux confins de la terre. »

« Le jour de la Pentecôte étant arrivé, ils se trouvaient tous ensemble dans un même lieu, quand tout à coup vint du ciel un bruit tel que celui d'un violent coup de vent, qui remplit toute la maison où ils se tenaient. Ils virent apparaître des langues qu'on eût dites de feu ; elles se divisaient, et il s'en posa une sur chacun d'eux. Tous furent alors remplis de l'Esprit Saint et commencèrent à parler en d'autres langues, selon que l'Esprit leur donnait de s'exprimer.

« Or, il y avait, résidant à Jérusalem, des hommes pieux venus de toutes les nations qui sont sous le ciel. Au bruit qui se fit, la foule s'assembla et fut bouleversée, car chacun les entendait parler sa propre langue. Dans leur stupeur et leur émerveillement ils disaient : « Ces hommes qui parlent ne sont-ils pas tous Galiléens ? Comment se fait-il alors que chacun de nous les entende dans sa langue maternelle ? Parthos, Médos et Elamites, habitants de Mésopotamie, de Judée et de Cappadoce, du Pont et d'Asie, de Phrygie et de Pamphylie, d'Égypte et de cette partie de la Libye qui est proche de Cyrène, Romains en séjour ici, Juifs et Prosélytes, Crétois et Arabes, nous les entendons publier dans notre langue les merveilles de Dieu ! » Tous étaient stupéfaits et se disaient interdits, l'un à l'autre : « Que peut bien être cela ? » D'autres encore disaient en se moquant : « Ils sont pleins de vin doux ! »

(Actes I, 6-8)  
(Actes II, 1-13)

1) Nous contemplons le travail de l'Esprit Saint dans le cœur des Apôtres. C'est un Esprit perturbateur, il vient sortir les Apôtres de leur torpeur, les réveiller, pour qu'ils annoncent aux hommes la Bonne Nouvelle : « Jésus est Ressuscité, Jésus est Vivant ».

Sommes-nous disposés à nous laisser déranger par l'Esprit Saint de notre Baptême et de notre Confirmation ?

2) Nous contemplons le travail de l'Esprit Saint dans le cœur de tous ces gens qui écoutent les Apôtres.

Savons-nous reconnaître le travail de l'Esprit Saint dans le cœur des jeunes qui vivent autour de nous ?

3) Comment autour de nous pouvons-nous concrètement annoncer la Bonne Nouvelle : « Jésus est Ressuscité »

AVEC L'ÉNERGIE NOUVELLE DE  
L'ESPRIT-SAINT.  
NOUS SOMMES DES « FILS DE  
LUMIÈRE »

Baptisés, Confirmés, le Christ nous communique l'Esprit Saint. Riches de cette force puissante de Dieu, que devons-nous être dans le monde d'aujourd'hui ?

## Deuxième Texte :

« Vous êtes le sel de la terre. Mais si le sel perd sa saveur, avec quoi va-t-on le saler ? Il n'est plus bon à rien qu'à être jeté dehors et foulé aux pieds par les gens.

« Vous êtes la lumière du monde. Une ville ne se peut cacher, qui est sise au sommet d'un mont. Et l'on n'allume pas une lampe pour la mettre sous le boisseau, mais bien sur le lampadaire, où elle brille pour tous ceux qui sont dans la maison. Ainsi votre lumière doit-elle briller aux yeux des hommes pour que, voyant vos bonnes œuvres, ils en rendent gloire à votre Père qui est dans les cieux. »

(Math. V, 13-16)

1) Nous recherchons comment concrètement au milieu de nos amis, nous pouvons reléguer la lumière du Christ.

Saint Paul nous dit : « Le fruit de la lumière consiste en toute bonté, justice, vérité... » (Eph. V, 9).

2) Ne nous arrive-t-il pas d'éteindre la lumière ?

Saint Paul nous dit : « Ne contristez pas l'Esprit Saint, que toute jalousie, colère, injure, soient bannies de chez vous. Montrez-vous, au contraire, bons et compatissants les uns pour les autres, vous pardonnant mutuellement comme Dieu nous a pardonnés dans le Christ ».

(Eph. IV, 30-32)

3) Savons-nous reconnaître ce qu'il y a de beau, de bon, chez nos amis (leurs « bonnes œuvres ») pour en remercier notre Père qui est dans les cieux ?

P. CRINON.

Pour nous les  
SPÉCIAL 14.

Spécial 14-16

nous les Je  
- SPÉCIAL

Numéro 5 Janvier 1965

## LA CARTE DE RELATIONS, ÇA N'EST PAS DU BIDON

On fait  
connaissance

On refait  
connaissance

Quand  
on n'a pas  
les yeux  
dans sa poche

Daniel : J'ai changé d'école cette année. J'ai trouvé de nouveaux copains. J'ai retrouvé d'anciens amis.

Philippe : J'ai retrouvé Pascal (en cherchant bien car il n'est plus dans ma classe).

Daniel : Grâce à Pascal, j'ai fait connaissance avec 8 ou 10 nouveaux copains.

Norbert : En 1<sup>er</sup> T. j'ai retrouvé Michel que j'avais eu comme ami il y a deux ans.

Je vais à la piscine tous les quinze jours avec lui.

Philippe : Un gars est arrivé deux mois seulement avant la rentrée. Je l'ai aidé à se situer dans son travail : il me demande ce qu'il doit faire.

Pascal : J'ai refait connaissance avec Philippe et François que j'avais connus en CM2. Pour Philippe j'essaie de le « sortir ».

Jean-Luc : En 2<sup>e</sup> j'ai retrouvé Alain (Israélite), connu en 4<sup>e</sup>.

Michel : Tout a changé pour moi cette année, bien que j'avais connu déjà quatre gars en 6<sup>e</sup> CEG. Mes copains sont nouveaux : Serge et Rémy.

André : J'ai fait de nouvelles connaissances dans le car en jouant aux cartes.

DÉCISION prise en fin de réunion :

« Nous allons commencer le CARNET DE MILITANT, non pas avec les noms de n'importe quels gars mais ceux des gars avec qui nous voulons essayer une ACTION précise. »  
BRAVO !

QUI ?

OU ?

Claude rencontre Emmanuel (de Gilhoc, Ardèche) à l'école ou en dehors, en sorties familiales.

Gérard rencontre Jacques qui a été un an avec lui, au rugby, et en classe, (le soir après les Math.)

Christian rencontre Dominique avec qui il passe ses vacances, à la messe des étudiants. Jean qu'il a connu à Crest.

Yves rencontre Michel, connu depuis quatre ans, en classe.

Jean-Marc, depuis un an,

Christian, un copain de 3<sup>e</sup>,

Raymond,

Alain

Michel,

Tous au travail, dans le quartier.

Question posée en fin de réunion :

« En quoi ces relations ont-elles une valeur chrétiennes ? »

Réponse : « Parce qu'on s'entraide pour le travail. »

LA CARTE DE RELATIONS CELA SE FAIT ET SE DÉFAIT SELON LES CIRCONSTANCES. CE QUI COMPTE C'EST D'ÊTRE ATTENTIF ET DE COLLABORER AVEC LES CAMARADES QUE JE RENCONTRE AUJOURD'HUI.

J.-E. - P.-L.

SPÉCIAL 14-16 - SPÉCIAL 14-16 - SPÉCIAL 14-16 - SPÉCIAL 1



## ENQUÊTE 14-16 ANS

Janvier 1965

# COMPLÉTONS ENSEMBLE

## notre formation...

Les moyens de diffusion ont pris, depuis quelques années, une très grande importance.

Cela a commencé avec la radio, actuellement la télévision. Il y a aussi la grande vulgarisation des livres qui permet à toutes les bourses de se procurer de très bons livres.

Pour nous, Jeunes de 14-16 ans, la classe, ses cours, sont les éléments essentiels de notre formation d'homme, qui nous permettra de prendre peu à peu une place de plus en plus importante dans la Société,

voulue et créée par Dieu, dans son progrès voulu également par Lui.

Mais cette formation de base aussi utile qu'elle soit, n'est pas suffisante. Il nous faut un complément de culture pour ne pas subir cours, leçons et devoirs.

La télé par exemple nous offre des émissions de culture très appréciables, savons-nous en profiter ?

**Ex. : actualités - Cinq colonnes à la une - L'homme du XX<sup>e</sup> Siècle.**

**Histoire : La caméra explore le temps, Sciences, géographie, etc...**

SPÉCIAL 14-16 - SPÉCIAL 14-16 - SPÉCIAL 14-16 - SPÉCIAL 1

Les livres que nous lisons sont-ils pour nous un moyen complémentaire de culture ?

Voilà ce que ce mois de janvier va nous faire découvrir et réaliser ensemble.

Nous mènerons l'action avec nos copains, nous leur demanderons ce qu'ils pensent, et ce que pensent leurs copains.

Nous faisons le lien entre le mois de décembre qui nous faisait agir avec nos copains pour progresser ensemble dans notre travail.

Ce mois-ci, également, nous réfléchirons ensemble et échangerons avec nos copains sur Notre Complément de Formation de Culture.

MOI - MES COPAINS - LES COPAINS DE MES COPAINS

## AVANT LA RÉUNION

I - Je recherche dans le programme de la télévision une émission intéressante qui ait un aspect complémentaire à ce que je reçois en classe.

— Avec deux ou trois copains, nous regardons cette émission et nous en discutons ensemble après.

— Je note sur mon carnet mes réactions et celle de mes copains... En quoi cette émission est-elle complémentaire à l'enseignement que nous recevons en classe.

II - Je choisis un livre qui a un aspect complémentaire à l'enseignement que je reçois en classe — je le fais lire à mes copains — nous nous réunissons ensuite à deux ou trois et nous échangeons sur ledit livre.

— Je note mes réactions et celles de mes copains sur mon carnet.

III - Je choisis avec mes copains un film intéressant au point de vue culturel. Nous allons le voir — et ensuite nous en discutons.

— Je note mes réactions et celles de mes copains sur mon carnet.

Si l'un d'entre nous fait partie d'un ciné-club, pourquoi ne pas choisir sur des films présentés ?

## PENDANT LA RÉUNION

— Nous apportons en équipe notre carnet — chacun d'entre nous dit ce que lui et ses copains ont choisi dans les trois actions proposées : la télé, le livre, le ciné.

## Pourquoi ?

— ensuite, chaque militant dit pourquoi lui et ses copains ont choisi cette émission, ce livre ou ce film ?

— en quoi sont-ils intéressants ?

— en avait-on parlé en classe, ou quel rapport y avait-il avec ce que l'on nous enseigne au cours ?

— nous mettons en commun toutes nos actions, nous retirons de ces actions ce qu'il y a de positif et de négatif.

— ce qu'il faudrait que nous et nos copains fassions pour que notre action se reproduise. Comment ces actions sont-elles pour nous un moyen formidable de complémentarité de notre culture.

— que ferons-nous pour qu'il y ait équilibre entre notre travail de classe et nos moyens personnels de culture.

En fin de réunion, nous lisons Jeunes Equipes de novembre à la page 5 : le dernier paragraphe « Avec Dieu je continue à construire le monde ». Nous disons ce que nous en pensons.

## APRÈS LA RÉUNION

— Avec nos copains nous essayons de réfléchir à la première action réalisée et comment nous pourrions nous revoir ensemble pour compléter notre formation et tenir notre équilibre dans notre vie.

— Comment nous et nos copains allons agir auprès des copains de nos copains pour qu'ils fassent comme nous.

M. T.

## PRÉSENCE AU MONDE

# LE SYNDICALISME ET NOUS

« Délégués de classe, délégués du personnel, comités d'Entreprise, etc... ». Nous avons parlé de tout cela en octobre, novembre. De près ou de loin, ces réalités sont dans notre vie et nous avons mené enquête pour y voir clair et agir.

Des événements nationaux (la grève du secteur public pendant 24 heures, le 11 décembre), des slogans entendus ici ou là, (« nos salaires », « pas de formation au rabais », etc...) attirent notre attention ou nous laissent dans l'indifférence...

Derrière tout cela, une réalité : le syndicalisme, les syndicats et plus profondément encore l'expression d'un monde qui s'organise, qui se construit.

### LE MONDE S'ORGANISE ET SE CONSTRUIT

Cette organisation, cette construction, portent un nom précis : la SOCIALISATION. Selon l'Encyclique « *Mater et Magistra* » voici quelles sont l'origine et l'amplitude du phénomène :

*« La socialisation est un des aspects caractéristiques de notre époque. Elle est une multiplication progressive des relations dans la vie commune ; elle comporte des formes diverses de vie et d'activités associées et l'instauration d'institutions juridiques. »*

*« Elle est le fruit et l'expression d'une tendance naturelle, quasi incoercible des humains : tendance à l'association en vue d'atteindre des objectifs qui dépassent les capacités et les moyens dont peuvent disposer les individus. Pareille disposition a donné vie, surtout en ces dernières années, à toute une gamme de groupes, de mouvements, d'associations, d'institutions à buts économiques, culturels, sociaux, sportifs, récréatifs, professionnels, politiques, aussi bien à l'intérieur des communautés politiques que sur le plan mondial ».*

Parmi ces groupes, mouvements, associations, il y a les syndicats, le syndicalisme. Ils entrent bien dans ce courant d'organisation et de construction du monde.

Dans notre vie de jeunes, nous sommes liés aux conséquences de cette socialisation : nous « utilisons » des organismes, des associations (loisirs, culture, etc...) nous participons à des groupes, groupements divers. Nous n'avons donc pas à accepter ou à refuser cette réalité, nous devons la reconnaître avec ses valeurs et ses limites.

L'Eglise est présente au monde. Elle a une pensée claire et précise sur cette réalité. La connaissons-nous ?

### L'ENSEIGNEMENT DE L'EGLISE

(à partir de l'Encyclique « *Mater et Magistra* »)  
*« Il est clair que la socialisation ainsi comprise apporte beaucoup d'avantages. En fait, elle permet d'obtenir la satisfaction de nombreux droits personnels, en particulier ceux qu'on appelle économiques et sociaux ».*

*« Par contre, la socialisation multiplie les méthodes d'organisation... elle réduit en conséquence le rayon d'action libre des individus... Mais il ne faut pas considérer la socialisation comme le résultat de forces naturelles mues par un déterminisme. Elle est au contraire, œuvre des hommes, êtres conscients, libres, portés par nature à agir comme responsables ».*

*« Aux travailleurs..., on reconnaît le droit naturel de créer des associations..., comme aussi le droit de leur donner la structure organique qu'ils estimeront la plus apte à la poursuite de leurs intérêts légitimes, économiques et professionnels, et le droit d'agir d'une manière autonome, de leur propre initiative à l'intérieur de ces associations, en vue de la poursuite de leurs intérêts ».*

### LES « VALEURS » DU SYNDICALISME

Il est l'expression d'une solidarité qui veut aller jusqu'à une réponse collective à une situation collective.

Il est le moyen d'expression d'un groupe humain ayant des droits naturels communs à faire respecter (que ce soient des cadres, employés, patrons, commerçants, étudiants, etc...)

Il est un instrument d'action à travers l'affrontement nécessaire à tout progrès (à condition que cet affrontement se réalise dans le souci de rechercher le bien commun).

### UNE QUESTION NOUS EST POSÉE...

Avons-nous à « entrer dans un syndicat » ? Jeunes, la question ne se pose pas à nous aussi directement. N'avons-nous pas d'abord à nous informer, nous former ?

*Nous informer* : à partir des événements, des problèmes de vie rencontrés. Ne pas en rester aux réactions superficielles (« ils réclament toujours la même chose ») et chercher avec d'autres la vraie signification d'une grève, d'un événement.

*Nous former* : à partir des occasions de participation que nous offre notre vie de jeunes. Occasions à notre mesure (dans les loisirs, la culture, la classe, l'entreprise).

P. DECLAIS.

## Communication sur la vie matérielle du Mouvement ...

Un bilan détaillé des différents postes a été présenté aux congressistes. Il donna lieu à une réflexion qui nous engageait à dépasser le simple cadre de l'équipe — de la fédération — à élargir notre responsabilité de militants aux dimensions de l'Eglise à travers le Mouvement.

**La cotisation en particulier nous apparut comme un signe important, un degré de notre vie militante, une attache concrète du militant au mouvement et, par conséquent au développement et à l'enracinement de l'Eglise du Christ.**

Quelques points précis ont été soulignés

### 1) Le Présent de notre participation.

Un grand nombre de Militants n'ayant pas versés la cotisation, le Mouvement a dû contracter des emprunts qu'il doit rembourser sans délai.

— Il faut donc que tout le mouvement soit conscient de la dette qui repose sur lui.

— Il faut donc que tous les Militants présents n'ayant pas versés leurs cotisations payent, soit au Secrétariat pendant le C.N., soit qu'ils prennent l'engagement de l'envoyer le plus tôt possible.

— Il faut donc que tous les Militants qui ne sont pas venus au Conseil National, et que nous connaissons comme étant non-cotisants, nous leur expliquions, le sens de leur cotisation et les besoins du Mouvement.

### 2) L'Avenir de notre participation.

#### a) Les Cotisations.

Lors de la dernière Session Nationale des Responsables Fédéraux de la J.I.C., il a été décidé de proposer un **chiffre de cotisations pour les étudiants et scolaires** qui ne savaient pas comment chiffrer leur dû.

**Celle-ci sera de 15 Fr. par an**, ce chiffre correspond au minimum indispensable et a été

accepté par tous les Responsables Fédéraux présents. **Quant aux professionnels la cotisation reste égale à deux journées de travail** soit pour un militant professionnel gagnant 600 Fr. par mois, sa cotisation serait de 40 Fr. L'équipe Nationale et les responsables Fédéraux pensent qu'ainsi tous pourront participer d'une façon pratique et efficace à la vie du Mouvement.

Des modalités de versement peuvent être trouvées, mais cela regarde les fédérations. Il s'agit que chaque militant se sente responsable du versement de sa cotisation au Mouvement, et qu'il est en dette vis-à-vis de lui s'il ne verse pas.

#### b) L'Opération 3 Cartes.

L'Opération trois Cartes, moyen financier assurant et servant pour l'extension du mouvement à l'intérieur comme à l'extérieur de la France, doit tous nous concerner. Cette opération complémentaire doit être pour nous l'occasion de trouver d'éventuels donateurs. Il faut bien laisser cette opération dans cet esprit : faire vivre et faire connaître la J.I.C.

### CONCLUSIONS

Il n'est pas trop tard pour régler notre dette, prenons dès maintenant notre responsabilité pleine et entière dans la vie du Mouvement.

C'est une question d'honnêteté vis-à-vis de nous-même et de notre engagement dans le Mouvement.

## LE DÉVELOPPEMENT INTERNATIONAL DE LA J. I. C.

Au terme de cet exposé sur les orientations du Mouvement et sur ses préoccupations, il nous reste un point que nous voudrions ne pas passer sous silence. Il s'agit du travail international.

Pourquoi vous en parler aujourd'hui ?

— d'abord, parce qu'au simple stade de l'information, il nous semble nécessaire que vous sachiez où en est le Mouvement et ce qu'il fait.

— ensuite, parce qu'au-delà de l'information, c'est un souci commun que nous avons à porter tous ensemble, parce que le Mouvement, ce n'est pas l'affaire des seuls permanents.

### I. — D'abord le point de nos contacts internationaux. — HISTORIQUE.

Je ne voudrais pas remonter trop en arrière mais je prendrais comme point de départ l'année 1960 pour l'unique raison que depuis cette date le Mouvement a essayé d'amorcer un travail qui se voudrait régulier et surtout, parce qu'il nous est apparu la nécessité et l'urgence de ce travail international dans le contexte actuel du Monde et de l'Eglise.

Nous reviendrons tout à l'heure sur les raisons fondamentales du travail international.

**Juillet 1960.** — S'est tenu à Paris deux journées de travail réunissant :

- La J.I.C. d'Espagne
- Le K.B.M.J. de Hollande
- La J.I.C. de France

**Année 60-61.** — Approfondissement des contacts avec l'Espagne par des rencontres à Paris au secré-



tariat général d'un nombre assez important d'Espagnols laïcs et prêtres, ce fut l'occasion de la découverte de nombreuses Similitudes entre les deux J.I.C. **Conseil national 1961.** — Présence parmi nous de 2 laïcs et d'un aumônier de la J.I.C. espagnole.

**Février 1962.** — 2 journées de travail à Madrid entre les J.I.C. de France et d'Espagne. Plus qu'une simple connaissance, nous abordons-là une recherche commune dans la réponse que nos mouvements respectifs apportent aux jeunes indépendants dont ils ont reçu mission.

A cette même réunion nos deux mouvements ressentent la nécessité d'un travail international plus large.

A la même époque — à Bruxelles, rencontre de la J.I.C. de Belgique (Wallonie) et de la J.I.C. de France.

**Conseil National 1962.** — Participe à nos travaux, une délégation de la J.I.C. de Belgique (Wallonie) et de la J.I.C. de Suisse ayant vu le jour quelques mois plus tôt.

Ce déplacement donne lieu à une journée de travail commune avec la J.I.C. de France.

*Juillet 62.* — Nous accueillons pour 2 mois au secrétariat général le responsable de la J.I.C. de l'île Maurice.

#### CONSEIL NATIONAL 1963

Présence de Don Jaime Garcia, Aumônier national de la J.I.C. espagnole.

#### MARS 64

Réunion à Paris d'une commission internationale mixte. Les J.I.C. et J.I.C.F. présentes décident d'entreprendre en commun un travail international. Elles se donnent deux secrétaires pour la coordination du travail de cette commission : Paul Declais pour les garçons, Francisca Mayo de la J.I.C.F. espagnole pour les filles.

#### Conseil National 64

Présence de Ricardo Sanz Ferrer, Président de la J.I.C. d'Espagne.

#### SEPTEMBRE 64

La commission internationale mixte est représentée par ses secrétaires au Congrès International du M.I.A.M.S.I.

*Novembre 1964.* — A Rome a lieu une rencontre des Responsables des J.I.C. et J.I.C.F. européennes, les J.I.C. et J.I.C.F. françaises et espagnoles sont présentes, ainsi que le mouvement féminin Rinascita d'Italie, le K.B.M.J. féminin et la J.I.C.F. belge. Le point des contacts de chacun avec d'autres continents est fait ainsi qu'un travail de recherche sur les réponses que nous apportons aux jeunes. C'est l'occasion de prendre contact avec des évêques présents pour le Concile et la Secrétaire du Vatican.

Des décisions sont prises : sur lesquelles nous aurons l'occasion de revenir tout à l'heure.

En dehors de ces dates et de ces rencontres il n'est pas superflu de signaler les contacts que nous avons à Paris, avec des laïcs ou des prêtres venant de différents pays particulièrement d'Afrique noire et Madagascar.

## II. Pourquoi ce travail international ?

a) **D'abord parce que les Mouvements J.I.C. des autres pays ont reçu, comme la J.I.C. de FRANCE, la Mission d'évangéliser les Jeunes Indépendants.** A ce titre, nous nous sentons déjà très proches et très solidaires par notre travail, nos préoccupations, nos difficultés, notre foi, et cela, quelles que soient les différences de vie et de méthode dans ces pays, voisins ou non du nôtre ; des jeunes comme nous, ont le souci et la responsabilité de l'ex-

tension du Royaume de Dieu dans le milieu Jeunes Indépendants.

**b) Ce travail nous apparaît également urgent parce que tout, dans notre monde actuel, exige que nous prenions une dimension internationale.**

A l'heure où les relations internationales se multiplient, où de moins en moins d'obstacles s'y opposent, à l'heure où le Marché Commun, par exemple apporte à l'EUROPE une solidarité réelle et profonde où ces relations prennent du poids dans tous les domaines de notre vie (je songe, entre autres, au nombre énorme de Jeunes Indépendants qui prennent leurs vacances à l'Étranger). C'est tout un monde qui se construit dans une perspective de plus grande unité, malgré les faits ou les courants contraires.

A cette construction, à cette unification du monde à laquelle d'ailleurs le Mouvement par son enquête de cette année, sur la cité, veut voir travailler les Militants et le milieu tout entier, nous avons nous aussi, en tant que Mouvement, à apporter notre contribution.

C'est très certainement une dimension que notre Mouvement prend actuellement.

**c) Enfin ce travail international prend aussi un relief nouveau, mais non moins important, dans les perspectives de l'Église, dans lesquelles nous avons à entrer, dans lesquelles nous sommes de plein droit.**

Les préoccupations de l'Église pour venir en aide aux pays d'AFRIQUE et d'AMÉRIQUE DU SUD, nous avons, nous aussi à les partager ; il y a aussi toute l'importance que prend le Concile dans son effort d'unité et de catholicité universelle de l'Église.

Là aussi, nous nous sentons responsables pour une part, celle qui nous revient, de participer à notre place, ou de collaborer à l'évangélisation de tous les Jeunes Indépendants de tous pays. Voilà pourquoi ces efforts ont été entrepris — voilà pourquoi ils sont à continuer au plan national comme au plan de notre action à la base.

## III. Quelles sont nos perspectives ?

a) *D'abord au plan national : Certaines orientations sont fixées.*

Les contacts à Rome en novembre 1964 ont amené à prendre des Décisions.

1°) *Une rencontre internationale aura lieu en juillet 1965 à San-Sébastien (Espagne) — les représentants des J.I.C. et J.I.C.F. d'Europe et d'autres continents y participeront. L'Amérique latine : Uruguay - Mexique ; l'Afrique : l'île Maurice - Mada-*

*gascar seront là avec la France - l'Espagne - la Suisse - l'Italie - la Belgique.*

Cette rencontre permettra une connaissance de la vie des jeunes de milieux indépendants dans les divers pays et une confrontation des réponses apportées par chacun des mouvements dans une perspective apostolique.

2°) — *Cette rencontre internationale sera l'occasion de renouveler le secrétariat de la commission. Il deviendra permanent de façon à pouvoir coordonner avec plus d'efficacité le travail commun. Des voyages pourront aussi être entrepris pour éveiller et soutenir des J.I.C. en démarrage. Mais les engagements que nous serons amenés à prendre seront exigeants car ils demanderont du temps et de l'argent.*

b) *Nos perspectives au plan de l'action à la base.*

Le souci international n'est pas l'affaire des seuls permanents. Nous avons tous à le porter.

*Comment le ferons-nous ?*

Reprenons ici les orientations que nous proposaient les revues de janvier.

**1. D'abord prenons conscience que notre carte de relations peut et doit être internationale.**

Par nos contacts habituels, en école, en faculté, en loisirs, dans la profession, en vacances nous rencontrons des jeunes indépendants d'autres pays, d'autres continents. C'est là une possibilité formidable d'arriver à cette dimension internationale vers laquelle tout dans notre monde nous pousse.

En tout cas, ces contacts avec les étrangers sont une source inépuisable d'ouverture des jeunes indépendants. Et, si ouverture il y a, notre foi, notre christianisme en fait partie ; alors la vie militante, l'action apostolique, l'évangélisation ne doivent pas rester étrangères à cet aspect nouveau, mais combien important de la vie des jeunes indépendants.

Dimension de la vie du monde, dimension de la vie des jeunes indépendants, donc dimension du Mouvement.

**2. Deuxième point de nos possibilités. Des jeunes indépendants pour diverses raisons toutes aussi valables partent à l'étranger** pour plusieurs années, y compris dans les pays d'outre-mer ou les pays en voie de développement.

— Vous en connaissez, vous êtes-vous souvent posés la question face à ces jeunes indépendants des perspectives apostoliques qu'ils « emportaient » dans leurs « bagages » — autrement dit combien parmi eux, dans tout ce qui constitue la préparation à leur départ, se soucient de leur travail apostolique dans

les pays destinataires. Nous-même peut-être songons à partir.

— Et quelles relations gardons-nous avec eux, comment accueillons-nous la vie qu'ils nous amène à travers eux ? Cette part de notre vie de relations est-elle un « à-côté » ou entre-t-elle dans l'unité de notre apostolat.

**3. Et un dernier point consistera à donner aux réalités précédentes leur pleine dimension apostolique. Nous le ferons en acceptant que cela se concrétise pour le Mouvement par un effort plus grand qui va jusqu'aux réalités matérielles.**

Effort plus grand pour le Mouvement c'est-à-dire pour chacun de nous dans notre participation à sa Vie matérielle.

C'est tout cela qui rendra — d'une manière plus engagée encore que les années précédentes notre vie apostolique — internationale.



## VIE DU MOUVEMENT

### ① session des fédéraux

Une Session Nationale a réuni à Yerres les 18 et 19 Septembre les Responsables Fédéraux.

La Rencontre a permis aux fédéraux de préciser leurs responsabilités et de dégager des points d'effort concrets et les moyens à mettre en œuvre.

Cinq axes ont été choisis suivant lesquels un approfondissement a été mené :

- les réunions de responsables d'équipes,
- l'extension du Mouvement,
- les collaborations avec d'autres mouvements,
- l'acheminement,
- les questions administratives.

#### CELA NOUS ENGAGE TOUS.

Il ne nous est certainement pas indifférent d'être en lien avec d'autres équipes. C'est ce qui nous met en « Mouvement ». Nous ne sommes pas seuls — et notre premier organe de regroupement en mouvement est la fédération.

#### Les Réunions de Responsables :

Elles nous concernent car elles sont un lien avec les autres équipes, lien indispensable pour inspirer continuellement notre travail en équipe et qui se noue à l'échelon fédéral. Elles complètent aussi et préparent les sessions ou rencontres diverses où nous nous retrouvons.

A une réunion de responsables, notre responsable ne va pas seul. Il apporte l'expérience de notre équipe...

Et cette expérience il ne l'a pas dans la tête, il ne l'invente pas. C'est pourquoi il faut que nous fassions *des Comptes Rendus* qui lui permettront d'exprimer la vie découverte et l'action menée par nous.

D'une réunion de responsables, notre responsable ne revient pas les mains vides — il ramène l'expérience des autres équipes, du mouvement. Ce sera à chaque équipe de lui demander des comptes sur les découvertes faites et les perspectives discernées : action concertée par exemple.

#### L'Extension.

C'est aussi notre affaire. Un article dans la revue de Décembre y reviendra plus précisément en soulignant le rôle primordial que joue l'Enquête dans l'extension du Mouvement par chacun de nous.

Cependant dès ce mois-ci l'article « Une Récollecion ouverte à tous » a été inspirée par la recherche que les fédéraux ont faite en Septembre et nous voyons bien qu'elle nous concerne dès maintenant.

#### Les Collaborations.

Au dernier Conseil National (cf. Numéro Spécial du 20<sup>e</sup> Conseil National) nous nous étions fixés des objectifs de collaboration avec la J.O.C. et les C.V.

Là encore nous aurons l'occasion de repréciser les choses dans une prochaine revue.

#### Les Questions Administratives.

Les Situations d'Équipes. Pour envoyer les revues, les invitations aux sessions, les lettres aux responsables ; pour savoir où sont les équipes et connaître ses caractéristiques afin de l'aider mieux ou de solliciter l'expérience d'un de ses membres, il est nécessaire de posséder les situations d'Équipes.

Le problème des abonnements se pose aussi car un militant sans revue n'est pas en lien avec le Mouvement, il ne participe pas au travail d'ensemble. Es-tu abonné ?

De même le problème des cotisations, nécessaires pour la vie des permanents, leurs voyages à l'occasion des sessions, les frais de revue que l'abonnement ne couvre pas entièrement la participation au développement de l'Internationale de J.I.C. etc...

Tout cela a amené à constituer un dossier administratif, dont le responsable administratif de la fédération a la charge et dont le responsable de ton équipe peut te parler.

Tu trouves à la page suivante les conséquences concrètes que cela a pour le Mouvement et pour toi dans le recouvrement des cotisations.

#### La Recherche continue.

Mais pour qu'elle porte ses fruits il faut non seulement mettre en application les décisions prises mais aussi faire remonter l'expérience de nos équipes à la Fédération et au Secrétariat Général grâce aux Comptes Rendus.

Tous les militants étaient associés à l'offrande de la Messe que nous célébrions ensemble à Yerres. Unis dans la prière nous le sommes aussi dans le travail à poursuivre.

### ② la rencontre internationale de San-Sébastien



Au premier plan, à droite, de profil, Lucienne SALLÉ.  
Le deuxième à sa gauche, Ricardo SANZ.  
Au fond, de droite à gauche : le Père LEPAN, Jean-Pierre ROUX et Gérard FLEZ, de l'E.N.

Ce n'est pas tellement une réflexion sur la dimension internationale de notre vie militante que nous voulons introduire ici. Nous aurons l'occasion d'y revenir dans le courant de l'année. C'est simplement une information sur **la Rencontre de San-Sébastien** que nous vous donnons-là en espérant malgré tout ne pas vous faire perdre de vue que le développement de l'Internationale se joue aussi dans votre vie de tous les jours.

#### A ROME.

UNE COMMISSION S'ÉTAIT RÉUNIE EN NOVEMBRE 1964, à l'occasion de la 3<sup>e</sup> Session du Concile et il avait été décidé, afin de poursuivre le travail, de nous retrouver à San-Sébastien. (Dans le n° du 20<sup>e</sup> Conseil National vous trouverez le détail des travaux de Rome).

#### A SAN-SEBASTIEN (Juillet 1965).

Nous nous sommes retrouvés quarante personnes représentant la France - l'Espagne - le Portugal - l'Angleterre - Madagascar - la Suisse - l'Île Maurice et la Belgique. Les « Internationales » déjà constituées des différents Mouvements nous ont

adressé leurs encouragements par télégrammes. Nous avons eu le plaisir d'accueillir Mademoiselle DUPRÉ qui nous a fait part des expériences des adultes du M.I.A.M.S.I. (Mouvement International pour l'Apostolat des Milieux Indépendants).

#### NOUS SOMMES SORTIS DE L'EUROPE.

C'est la première fois que nous trouvons une autre couleur de peau que la blanche et la présence d'une délégation de quatre malgaches (trois filles et un garçon) était un signe d'ouverture pour nous tous. Henri RADERT, le responsable garçon qui venait de Tananarive où il travaille dans une société mixte d'aménagement agricole est resté quelques jours avec l'Équipe Nationale à Paris et il nous a promis pour bientôt un article sur son pays. Chaque délégation parla de son pays. Chacune exprima ce qu'y vivent et à quels problèmes s'affrontent les garçons et les filles de Milieu Indépendant. Chaque Mouvement exposa ensuite comment par les moyens qu'il met en œuvre et les résultats qu'il obtient il apporte une réponse d'Église aux Jeunes de ces milieux.

Savions-nous que des problèmes d'affrontement racial très préoccupants se posent à l'Île Maurice et

qu'un des axes de la J.I.C. là-bas est de favoriser le dialogue entre les diverses communautés. Plusieurs équipes de garçons regroupent des jeunes d'origine soit européenne, soit chinoise.

Savions-nous que « l'Industrie touristique » espagnole marque énormément l'évolution de l'économie et aussi bien l'avenir professionnel que la forme des loisirs estivaux des Jeunes Indépendants ?

#### NOUS AVONS DOTÉ LA COMMISSION DE SECRÉTAIRES PERMANENTS.

Pour mener à bien le travail international...

- Coordination des contacts que chaque mouvement a avec d'autres pays : communication à tous des résultats des recherches lors des diverses rencontres internationales.
- Soutien des efforts des isolés par des voyages.
- Eveil à la nécessité d'un effort d'évangélisation, par des contacts avec des évêques, d'autres mouvements, etc... à l'occasion soit du Concile, soit de voyages à l'étranger.
- Recherche des soutiens financiers nécessaires.

③

## plan d'action pour le recouvrement des cotisations

- Comme chaque année un dossier administratif a été remis à la fédération.
- Dans ce dossier se trouvent des fiches intitulées :
  - Une est destinée au S.G.
  - « Situation d'Équipes » } Une pour ta fédération.
  - } Une pour ton équipe. (1)
- Cette fiche, dont dispose le responsable d'équipe, vous permet :
  - 1) de conserver la situation de l'équipe (noms, adresses des militants) ;
  - 2) de calculer vous-même la cotisation que l'équipe devra verser au mouvement. Cette cotisation a été fixée par les fédéraux à la Session du mois de Mars à :
    - 15 F pour les étudiants et scolaires,
    - 2 Journées de salaire pour les professionnels.

(1) Pour les équipes isolées, la demander au S.G., 70, rue de Turbigo — PARIS 3<sup>e</sup>.

— Représentation de la Commission auprès des divers organismes internationaux.

... La Commission s'est donnée deux secrétaires.

- un pour les Mouvements de garçons : c'est Ricardo SANZ — président de la J.I.C. Espagnole qui accepte d'y consacrer une partie de son temps.
- un pour les Mouvements de jeunes filles : Lucienne SALLE — Présidente de la J.I.C.F. Française elle se consacre à temps complet aux problèmes internationaux.

#### A GENEVE.

En Août 1966 nous ferons le point de notre avancée.

Les Secrétaires auront établi un plan et amorcé un travail de contacts et de voyages. Nous-mêmes à l'Équipe Nationale et vous-mêmes avec nous aurons porté pendant l'année le souci de l'Internationale. Il s'agit donc de réaliser, d'avancer d'ici-là pour que l'Internationale apparaisse bien comme l'affaire de tous.

#### DES MAINTENANT.

En Équipe consacrez un moment de réflexion au problème des cotisations, afin de prendre les décisions qui s'imposent et afin de vous organiser.

#### AVANT LE 10 DÉCEMBRE.

Les militants, donc toi, remettent leur participation aux responsables (ou les dates précises auxquelles ils effectueront les autres versements, s'ils versent en plusieurs fois).

#### LE 15 DÉCEMBRE.

Toutes les cotisations (ou les dates des prochains versements) sont remises au fédéral.

#### LE 30 DÉCEMBRE.

Le fédéral, ou le responsable administratif, envoie les cotisations au S.G. qui compte sur celle-ci pour faire face aux échéances du 15 Janvier entre-autre.

*L'Équipe Nationale.*

Pour nous les  
SPÉCIAL 14.

# Spécial 14-16

nous les Je  
- SPÉCIAL

Numéro 12 novembre 1965

## ÉDITORIAL

### *Le Présent.*

« Ne néglige pas un seul instant, tous sont infiniment précieux pour tisser sans aucun trou l'étoffe de ta vie ».

Michel QUOIST.

Ah ! l'an dernier on s'amusait bien  
Si j'avais su...  
Demain je ferai ceci.  
Plus tard je serai...  
Si je pouvais.

- Et aujourd'hui ne vaut-il pas la peine d'être vécu pleinement ?
- Pourquoi t'accrocher au passé auquel tu ne peux plus rien.
- Pourquoi ne penser qu'à l'avenir : tu le rêves sans le construire.
- C'est dans l'instant présent que tu bâtis demain.
- A jongler avec le passé et l'avenir tu es tiraillé entre l'un et l'autre.

Le Passé est mort.  
L'Avenir n'est pas né  
Seul le présent est vivant  
Il est habité par Dieu.

Il t'attend en tout événement,

en chacun de ceux qu'il a mis sur ton chemin,  
Soit au Rendez-vous.

Et sache remercier le Seigneur en vivant pleinement l'heure présente

En Jeune et en Chrétien.

G. F.

## sommaire

ÉDITORIAL	Le Concile et Nous.	2
	Vivre dans l'unité de l'Église.	4
	« Par nos loisirs, assurons notre présence à notre milieu naturel de vie »	6
	Le sens de notre action.	11
	La J. I. C. à Rome durant le Concile	15
	Janvier : mois de notre cotisation.	19
	L'entreprise et son évolution.	21

## éditorial

### LE CONCILE ET NOUS.

Trois Responsables du Mouvement sont allés à ROME pendant une dizaine de jours, à l'occasion de la deuxième session du Concile. Ils ont informé l'ensemble de l'Épiscopat Français réuni, sur les conditions dans lesquelles la J.I.C. travaille en laïcat et révèle aujourd'hui le Christ aux Jeunes Indépendants. Des contacts nombreux furent pris qui leur permirent d'être à l'écoute des préoccupations pastorales de plusieurs évêques et de leur faire partager celles du Mouvement.

Le 9 Novembre, ils ont été reçus en audience semi-privée par le Pape PAUL VI. En s'informant simplement du travail réalisé, le Pape a renouvelé sa confiance au Mouvement et lui a accordé sa bénédiction.



Ces événements de la vie de notre Mouvement témoignent du dialogue et des liens du laïcat organisé avec les Chefs de l'Église. Et cela, au moment même où, rassemblés en Concile, ils cherchent aussi à préciser et à éclairer la nature et le rôle du laïcat et du laïc.

Ces événements, qui nous sont proches, sont l'occasion de se poser deux questions :

- ★ Le Concile n'est-il pas devenu pour moi, un événement lointain, extérieur ?

Parce que j'en attends surtout des décisions extraordinaires, spectaculaires, mon effort de connaissance objective s'est relâché. Je ne sais plus ce qu'il réalise dans le lent mûrissement des recherches et des débats, je ne mesure plus ce qu'il engage, je ne suis plus à l'écoute des préoccupations de l'Église. Mais le Concile ne doit pas être un objet de ma curiosité, voire de ma passion. Est-il d'abord l'objet de ma prière, de celle de mon équipe ? Pour être fidèle à la lumière de l'Esprit, l'Église dans tous ses membres, a besoin d'être remuée de l'intérieur par un immense courant de prière. — Est-ce que j'y participe ?

- \* Le schéma sur l'« Apostolat des Laïcs » a suscité des débats sur lesquels nous possédons une information. Est-ce que je m'y intéresse, et qu'est-ce que j'en attends ?

Parce que les discussions sont longues, mon attention s'en est détournée. J'ai peut-être décidé d'attendre la fin, les conclusions et leurs conséquences. Mais ai-je suffisamment conscience que déjà, par mon action d'aujourd'hui dans le Mouvement, je peux être un témoin de ce rôle des laïcs, je pèse directement sur le travail du Concile par la connaissance que possède notre Evêque de notre action ?

Le Mouvement l'a mesuré à ROME : Jeunes organisés en Laïcat, nous sommes « ENGAGÉS » par le Concile. Non pas seulement parce que des décisions vont préciser notre rôle, mais surtout parce que, aujourd'hui même, notre témoignage est présent dans la recherche des Evêques.

L'Equipe Nationale



★ Les représentants de la J.I.C. et de la J.I.C.F. accompagnés de Mgr STREIFF, Secrétaire Général de l'Action Catholique Française, reçus en audience par SS. PAUL VI.

### 3 - Quelle transformation l'action a-t-elle provoquée ?

Cette question est capitale. L'action apostolique est celle qui fait progresser les jeunes indépendants dans le sens voulu par le Christ qui les fait vivre même s'il n'en est pas encore conscient, de la vie du Christ. Aussi, nous avons à rechercher en quoi l'action a suscité des valeurs authentiquement chrétiennes même minimales chez les jeunes.

### 4 - Le Christ a-t-il été découvert et révélé ?

Il ne s'agit pas de brusquer, il y a des étapes à respecter. Mais en équipe nous devons être attentifs aux signes de cette découverte du Christ, aux occasions de le révéler qui se sont présentées à nous.

L'action amène certains jeunes à rencontrer autre chose que ce qu'ils vivaient avant, un climat d'Amour, de solidarité... A nous, à partir de là, il appartient en certains cas de révéler le Christ agissant dans leur vie par là, dans le désir de dialoguer suscité chez tel ou tel par l'action. Il ne s'agit pas d'aller toujours jusque là, mais d'être attentif aux occasions pour les saisir.

Il s'agit aussi pour nous, à travers l'action, de révéler l'Eglise, le Mouvement comme source de notre dynamisme comme fondement profond de notre action. Là aussi des étapes sont à respecter. Mais nous serons attentifs à toutes les occasions de le faire.

JEAN-PAUL CURVALE

### UN NOUVEAU MEMBRE A L'ÉQUIPE NATIONALE

Depuis un mois, l'Équipe Nationale compte cinq membres.

En effet, Pierre COMBES, originaire de MAZAMET, a accepté de travailler plus totalement au service du Mouvement et de l'Eglise.

Sa place dans l'équipe est originale. Il représente la J.I.C. au Secrétariat Général du Service des Soldats et des Marins, ainsi que les Rouliers qui, pendant leur service militaire, s'acheminent vers l'action catholique en participant à l'action de ce service.

Nous sommes heureux de l'accueillir et nous sommes sûrs que son dynamisme aidera les jeunes indépendants et le Service des Soldats à continuer leur action.

## LA J.I.C. A ROME

durant le Concile -----

*Du 1<sup>er</sup> au 10 Novembre, le Père DESCHEPPER, Paul DECLAIS et Louis GENTIL ont fait un séjour à ROME pour rendre la J.I.C. présente aux préoccupations actuelles de l'Eglise durant le Concile.*

—oOo—

### Communication à l'épiscopat français.

L'ensemble de l'Épiscopat Français présent à ROME pour le Concile avait manifesté le désir d'être informé collectivement du travail de chaque Mouvement d'Action Catholique. Le but de la présence de la J.I.C. à ROME fut tout d'abord la réponse à ce vœu.

Nous avons ainsi exprimé aux évêques dans quelles conditions la J.I.C. répond à sa mission.

#### D'une part, comment la J.I.C. révèle le Christ aux jeunes de notre milieu.

- \* Education de la Foi
  - par la conversion progressive de toute notre personne, afin de combler le fossé entre FOI et vie.
  - par la découverte que notre vie quotidienne intéresse Dieu et que les événements de cette vie sont autant d'appels que le Seigneur nous lance.
- \* Education de toute notre personne
  - par la mise à l'action de chacun afin de nous réaliser entièrement pour répondre à nos aspirations et tenir notre place dans le monde.
  - par la rencontre que nous faisons dans l'action avec l'ensemble des jeunes de notre milieu.

#### D'autre part, comment les Jeunes Indépendants se situent dans l'Eglise

- \* Lorsque des Jeunes Indépendants à travers des problèmes de Foi, ont le désir plus ou moins conscient de retrouver le Christ dans leur vie, ils rencontrent des réponses organisées (cercles d'études, cours religieux, etc...) ou des réponses

individuelles de la part de prêtres qu'ils connaissent. Ainsi, ils n'ont pas toujours la possibilité de se retrouver à l'intérieur de l'Eglise pour vivre dans leur propre milieu sa mission organisée d'évangélisation.

\* Des Jeunes Indépendants n'ont plus de contact avec l'Eglise ; pour d'autres, ils continuent une pratique religieuse traditionnelle. Ils ne trouvent pas de la part du Clergé d'autre aide afin de vivre de l'Evangile et remplir leur rôle d'apôtre.

\* Les Jeunes Indépendants sont engagés dans des œuvres, mouvements, institutions, associations. Aussi bien pour le Clergé que pour les jeunes eux-mêmes, cet engagement leur voile ou rend confuse la nécessité de mettre le Christ dans toute leur vie et de participer à la mission que l'Eglise veut leur voir jouer par la J.I.C. au sein de leur milieu.

Enfin les exigences urgentes posées à la J. I. C.  
et à toute la pastorale  
« afin que nulle force apostolique ne se perde »

- \* Connaître au jour le jour la vie des Jeunes Indépendants
- \* Répondre à la vie de tous les jeunes indépendants : non seulement ceux qui représentent une « élite », non seulement ceux qui seraient isolés ou inactifs.
- \* Connaissance de l'existence et de l'état de la déchristianisation des jeunes indépendants.
- \* Voir les jeunes pour ce qu'ils sont et non pour ce qu'ils font, réalisent ou pour les services qu'ils rendent.
- \* Voir les jeunes indépendants en tant que membres de communautés naturelles.

Les évêques présents ont alors exprimé que notre intervention leur permettait de s'interroger quant à la place qu'ils faisaient dans l'ensemble de leur Pastorale aux jeunes que nous représentions.

### Travail international

\* Poursuivant le travail entrepris l'année passée à ROME (voir RECHERCHE Janvier 63 - page 24), nous avons appris par les nombreux contacts que nous avons eus avec des Evêques étrangers, quelle était la vie des Jeunes Indépendants à travers le monde.

Dans cette vie s'exprime pour les Jeunes Indépendants :

- la recherche d'une culture, le plus souvent occidentale
- la recherche du confort, d'une bonne situation
- la conscience d'appartenir à une élite : le fait d'obtenir un diplôme, d'avoir fait des études, de posséder des connaissances.

- la difficulté de faire entendre leurs besoins lorsqu'ils se trouvent en face d'adultes, dans les structures politiques nouvelles de leur pays.
- la difficulté de situer leur responsabilité dans la mise en œuvre de leurs facultés, de leurs richesses : en Haute-Volta, des jeunes ayant fini leurs études vagabondent dans le pays. Ils ne trouvent pas d'emploi dans l'administration et ne veulent plus retourner à leur village d'origine.
- une réaction individualiste face et dans la profession : chacun essaie coûte que coûte de se faire employer dans l'administration et d'en profiter au maximum.
- la difficulté pour retrouver le sens de la communauté : A Madagascar les jeunes craignent en fin d'études d'être nommés dans leur lieu d'origine, ayant honte de leurs proches, de leur famille d'origine.

Des Eléments pour répondre aux appels  
de cette solidarité.

Dialoguant avec les évêques étrangers à ROME, nous avons pu quelquefois rechercher comment à travers cette solidarité nous pouvons révéler authentiquement le Message du Christ et l'Eglise aux jeunes indépendants des pays étrangers.

\* Tout d'abord dans certains pays, nombre de jeunes indépendants n'ont jamais eu l'occasion d'être en relation avec des chrétiens. Certains évêques nous ont invité très clairement à venir dans leur pays en portant ce souci apostolique.

\* Pour d'autres, sur place existent des jeunes indépendants chrétiens. Eux-mêmes ont la difficulté première que nous rencontrons quant à avoir une Foi adulte qui colle à la vie, bien au-delà des aspects mineurs et extérieurs de « la religion ». Vient alors la difficulté de se sentir profondément solidaires des autres jeunes qui les entourent et par là, à saisir et jouer leur rôle d'apôtre.

Voilà comment s'exprimait en substance, Mgr WOLF de Diego-Suarez :

« Les jeunes Malgaches de mon diocèse, qu'ils soient au collège ou dans la profession arrivent facilement à dialoguer entre eux, pour retrouver le sens chrétien des événements de leur vie journalière : un sens religieux ancestral, de même qu'un sens aigu de la communauté le leur rendent aisé.

Lorsque ces jeunes viennent en Europe poursuivre leurs études, principalement dans les grands centres universitaires français, ils ne retrouvent plus chez les jeunes français une communauté et la recherche d'une référence chrétienne aux différents actes ou choix de la vie quotidienne. Eux-mêmes en arrivent à perdre petit à petit le sens d'une foi vécue authentiquement ».

Perspectives de réponse pour la J.I.C.

\* Des Jeunes Indépendants étrangers sont en France ; par nos contacts en école, en faculté, dans la profession, en famille, dans les loisirs, nous les rencontrons ; nos propres camarades en connaissent qu'ils côtoient tous les jours.

Notre première réponse sera cette attention à eux, à ce qu'ils sont, ce qu'ils pensent, ce à quoi ils aspirent, comment ils l'expriment et le vivent. Ce sera la prise en charge de ces jeunes au même titre que les autres jeunes de notre réseau de relations.

\* Parmi eux, certains sont chrétiens et ont déjà vécu en communauté de jeunes une foi authentique. Notre réponse sera alors de les associer à notre propre action militante, c'est-à-dire de rechercher avec eux plus profondément encore, comment conjointement nous pouvons assurer la prise en charge des jeunes de notre milieu : eux-mêmes pouvant aussi jouer leur rôle d'apôtre auprès des jeunes français qu'ils rencontrent.

\* Des jeunes indépendants français partent en pays étrangers : stages d'études, professionnels, tourisme, loisirs, etc. ; peut-être nous-mêmes militants. Notre réponse sera d'une part de poursuivre sur place notre propre action militante, et d'autre part au moment du départ, d'éveiller les autres jeunes qui partent à ce souci apostolique envers les jeunes étrangers.

\* Réponse encore pour tout le Mouvement dans la collaboration que nous entreprendrons avec tous les jeunes chrétiens étrangers qui vivent dans leurs pays : qu'ils soient organisés en Mouvement d'apostolat ou isolés mais recherchant d'une façon ou d'une autre comment tenir leur place de chrétien dans l'Eglise et le monde d'aujourd'hui.

Toutes ces perspectives de réponses ne sont pas inaccessibles ou lointaines, mais possibles à réaliser dès aujourd'hui. Il est important de souligner aussi que ces perspectives concrètes ne sont apparues que parce que l'échange que nous avons eu avec des évêques étrangers s'est situé pour eux comme pour nous, dans un esprit de recherche authentique, l'Esprit qui préside à ROME au Concile.

### Paul VI reçoit la J.I.C. et la J.I.C.F.

Un grand moment de notre séjour à ROME fut l'audience que Sa Sainteté PAUL VI a accordée aux délégations de la J.I.C. et de la J.I.C.F.

Le Chef de l'Eglise tout en nous montrant qu'il était informé du travail que chaque Mouvement réalise, nous a indiqué qu'il en appréciait la formule et nous a encouragé à poursuivre notre action.

Nous ayant donné sa bénédiction, il nous a assuré de ses prières et il nous invite en retour à prier pour lui dans la lourde responsabilité qu'il assume dans l'Eglise.

L. G.

## JANVIER

### mois de notre cotisation

Participation à la vie matérielle du Mouvement, notre cotisation est la condition essentielle pour que le Mouvement remplisse sa mission.

L'action apostolique que nous menons dans la vie, avec nos camarades, auprès de nos amis, est bien la participation directe que chacun a de la mission du Mouvement.

Peut-elle seulement exister, se réaliser ; pouvons-nous être soutenus dans cette action, si le Mouvement n'est pas une réalité tangible, vivante ; s'il ne possède pas lui-même un visage, un corps qui lui assure une présence effective dans le monde et dans l'Eglise ?

—oOo—

Or c'est cela que permettra la cotisation de tous.

Avec notre responsable d'équipe, nous pourrons réfléchir en équipe sur son sens profond ; de même nous obtiendrons de notre responsable tous les éléments précis que nous sommes en droit de connaître quant à l'utilisation de notre cotisation.

Il nous reste à la verser *effectivement* :

#### Montant de la cotisation :

- Pour un professionnel : le salaire de deux journées de travail.
- Pour ceux qui ne touchent pas de salaires (étudiants, stagiaires non rétribués, militaires, etc...) : l'équivalent par exemple de deux paquets de cigarettes par mois, ou d'une place de cinéma par mois...

## ③ LA RENCONTRE INTERNATIONALE DE SAN-SÉBASTIEN

en juillet 1965

*Ce n'est pas tellement une réflexion sur la dimension internationale de notre vie militante que nous voulons introduire ici. Nous aurons l'occasion d'y revenir dans le courant de l'année, dans la suite des articles parus en Janvier - Mars et Juillet dernier sur ce sujet. C'est simplement une information sur la Rencontre de San-Sébastien que nous vous donnons là en espérant malgré tout ne pas vous faire perdre de vue que le développement de l'Internationale se joue aussi dans votre vie de tous les jours.*

### A ROME

#### UNE COMMISSION S'ÉTAIT RÉUNIE EN NOVEMBRE 1964.

Cette Commission était composée des mouvements de garçons et de filles qui depuis quelques années avaient eu l'occasion de se rencontrer et de constater leur souci commun d'évangéliser les Jeunes des Milieux Indépendants. Nous y étions nous J.I.C. Française ainsi que la J.I.C.F. - les J.I.C. - J.I.C.F. Espagnoles - la J.I.C.F. Belge d'expression française, le K.J.M. Belge flamand féminin, les jeunes filles du Mouvement Italien Rinascita.

L'échange des expériences diverses — (nous avons par exemple exprimé la vie découverte et l'action menée dans les enquêtes temps-libre et travail), les contacts avec les évêques réunis en Concile pour la troisième Session, tout cela fut l'occasion d'une prise de conscience encore plus nette de nos responsabilités communes donc internationales et d'une recherche pour y faire face.

#### NOUS AVIONS DÉCIDÉ D'AVANCER.

Chacun de nos mouvements était en contact avec d'autres : la France avec Madagascar, l'Île-Maurice : l'Espagne avec le Mexique, l'Uruguay. De plus nous étions aussi en contact avec des garçons et des filles isolés qui avaient le souci des Jeunes Indépendants de leur pays en Angleterre, au Canada... Des Prêtres et des Evêques nous demandaient de penser à leurs pays, d'y venir — au Vénézuéla en Syrie ou ailleurs. D'autre part

certaines J.I.C. et J.I.C.F. européennes n'avaient pu venir à Rome, les Suisses en particulier. Aussi fallait-il coordonner tout cela, faire faire connaissance à tout ce monde et prendre les moyens de faire progresser ensemble l'Eglise. C'est ce qui a amené la Commission à décider la Rencontre Internationale de San-Sébastien.

### A SAN-SÉBASTIEN

Nous nous sommes retrouvés quarante personnes représentant la France - l'Espagne - le Portugal - l'Angleterre - Madagascar - la Suisse - la Belgique - l'Île Maurice. Les « Internationales » des différents Mouvements déjà constitués nous ont adressé leurs encouragements par télégrammes. Nous avons eu le plaisir d'accueillir Mademoiselle DUPRE qui nous a fait part des expériences des adultes du M.I.A.M.S.I. (Mouvement International pour l'Apostolat des Milieux Indépendants).

#### NOUS SOMMES SORTIS DE L'EUROPE.

C'est la première fois que nous trouvons une autre couleur de peau que la blanche et la présence d'une délégation de quatre malgaches (trois filles et un garçon) était un signe d'ouverture pour nous tous. Henri RADERT, le responsable garçon qui venait de Tananarive près d'où il travaille dans une société mixte d'aménagement agricole est resté quelques jours avec l'Equipe Nationale à Paris et il nous a promis pour bientôt un article sur son pays que nous pourrions faire paraître dans les Revues. Chaque délégation parla de la réalité géographique - démographique et institutionnelle de son pays. Chacune exprima ce qu'y vivent et à quels problèmes s'affrontent les garçons et les filles de Milieu Indépendant. Chaque Mouvement exposa ensuite comment par les moyens qu'il met en œuvre et les résultats qu'il obtient il apporte une réponse d'Eglise aux Jeunes de ces milieux.

Savions-nous que des problèmes d'affrontement racial très préoccupants se posent à l'Île Maurice et qu'un des axes de la J.I.C. là-bas est de favoriser le dialogue entre les diverses communautés ? Plusieurs équipes de garçons regroupent des jeunes d'origine soit européenne, soit chinoise.

Savions-nous que « l'Industrie touristique » espagnole marque énormément l'évolution de l'économie et aussi bien l'avenir professionnel que la forme des loisirs estivaux des Jeunes Indépendants ?



## NOUS AVONS DOTÉ LA COMMISSION DE SECRÉTAIRES PERMANENTS.

Pour mener à bien le travail international...

— **Coordination** des contacts que chaque mouvement a avec d'autres pays ; communication à tous des résultats des recherches lors des diverses rencontres internationales.

— **Soutien** des efforts des isolés par des voyages.

— **Eveil** à la nécessité d'un effort d'évangélisation, par des contacts avec des évêques, d'autres mouvements, etc... à l'occasion soit du Concile, soit de voyages à l'étranger.

— **Recherche** des soutiens financiers nécessaires.

— **Représentation** de la Commission auprès des divers organismes internationaux.

... la Commission s'est donnée deux secrétaires :

- un pour les Mouvements de garçons : c'est **Ricardo SANZ** — président de la J.I.C. Espagnole qui accepte d'y consacrer une partie de son temps.
- un pour les Mouvements de jeunes filles : **Lucienne SALLÉ** — Elle quitte pour cela ses fonctions de Secrétaire Générale de la J.I.C.F. française tout en restant attachée à son Mouvement au titre de Présidente. Mais elle se consacre à temps complet aux problèmes internationaux.

## A GENÈVE

En Août 1966 nous ferons le point de notre avancée.

Les Secrétaires auront établi un plan et amorcé un travail de contacts et de voyages. Nous-mêmes à l'Equipe Nationale et vous-mêmes avec nous aurons porté pendant l'année le souci de l'Internationale. **Il s'agit donc de réaliser, d'avancer d'ici-là pour que l'Internationale apparaisse bien comme l'affaire de tous.**

## PRÉSENCE AU MONDE

# les élections présidentielles

*Le 5 ou 19 Décembre prochain — la plupart d'entre nous, ainés, serons appelés à exprimer une opinion politique. Notre option est-elle murie ? Est-elle en outre si indifférente que cela au travail que nous faisons cette année en J.I.C. dans une Enquête qui veut nous faire participer à la vie de la Cité ?*

*Il est encore temps de prendre la taille du problème — de le prendre au sérieux. La léthargie jusqu'à ces jours derniers de l'opinion publique ne doit cependant pas se transformer pour nous en échauffement — en précipitation irresponsable à la veille du vote. Voilà pourquoi quelques points de repère et quelques sources où puiser nous-même des informations nous sont de suite nécessaires.*

## LES INSTITUTIONS.

Les élections se dérouleront dans le cadre de la Constitution de 1958, dont en 1962 les articles 6 et 7 relatifs à l'élection présidentielle ont été modifiés par un référendum auquel certains d'entre nous ont participé.

D'aucuns, des hommes et des partis, visent la réforme de cette constitution.

D'autres au-delà, visent actuellement la réforme des structures politiques françaises. Les transformations de nos structures économiques, sociales et mentales leur semblent l'exiger ; l'apparition des clubs, le malaise des partis, le poids dont pèse une très forte personnalité à la tête de la Nation, leur semble être des signes et des appels. Les prochaines élections leur paraissent fournir un terrain de combat.

En tout état de cause, un événement d'importance implique toujours un choix — et le choix d'un président implique une vision à laquelle on adhère du gouvernement de la Cité. C'est pourquoi la courte vue des événements circonstanciels ou même des options politiques immédiates ne doit pas prendre le pas sur le fond du problème. Il est institutionnel. Mais avons-nous une conception du gouvernement de la Cité ? Savons-nous quelles formes peut prendre une démocratie moderne ? Et laquelle nous ferons avancer en votant pour tel ou tel ?

*J.I.C.* *M. Gerais* Doc. Ação Católica  
*B.H.E.*, 8-13/1/53 *J.I.C. BRASIL*

CONSCIENTIZAÇÃO ou POLÍTIZAÇÃO (sugestões para um estudo)

Trabalho apresentado por Luís Eduardo Wanderley

1 - DEFINIÇÃO

A conscientização ou politização, em sentido amplo, é um processo educativo, o mais completo possível, destinado a formar no homem a consciência histórica, ou, em outras palavras, uma consciência crítica da realidade. Esta politização deve, pois, levar o homem a uma tarefa de reflexão, de compreensão das necessidades humanas vitais numa determinada época, para uma ação de transformação da realidade, no sentido de satisfazer aquelas exigências. Este processo educativo implicará na entrega de uma série de ideais e valores, componentes das várias visões do mundo moderno - cultura - em que o homem está inserido (para o cristão naqueles conseqüentes à encarnação da mensagem evangélica), ou seja, o mundo das ideologias. Assim, a ação do homem para modificar a realidade será orientada por um sistema de idéias e valores que informarão a consciência crítica. Sempre lembrando que os valores podem ser comuns, mas as análises podem diferir e as opções divergir.

<u>Processo Educativo</u>	- para formar uma consciência crítica da realidade ( ver - julgar )
	- para levar o homem a uma ação de transformação ( agir )

2 - NOÇÕES BÁSICAS

2.1 - ENGAJAMENTO - O homem existe dentro da História. A existência é ação. Aquele que não age não é. O homem, tomando conhecimento dos problemas que o cercam, é levado a agir, a tomar posição: é obrigado a se engajar. Mas, o engajamento será alienado se ele não advém da consciência crítica da realidade e conseqüente tomada de responsabilidade na sua modificação.

A ação supõe a liberdade, a cooperação, o enriquecimento. É preciso que o homem encontre nesta ação a sua dignidade, a sua realização, a sua elevação, a sua autenticidade.

Em termos globais, diríamos que o homem brasileiro está apenas inserido. Será pelo processo de politização que tentaremos engajá-lo na luta pela modificação da realidade brasileira, fazendo com que ele passe de estático a dinâmico, de parte circunstanciada para a força condicionante.

2.2 - CULTURA - "Para um ser que se faz e se faz desenvolvendo-se, tudo é cultura; a direção de uma fábrica ou a formação de um corpo, a manutenção de uma conversa ou o aproveitamento de uma terra". "Há tantas culturas quantas atividades." "A cultura desperta-se, se não se fabrica, nem se impõe; mas pode e deve ser ajudada." "Toda cultura é transcendência e superação."

analisar a importância atual da cultura popular e o sentido do que se denomina a civilização do trabalho.

Na cultura do homem existem partes sedimentadas originárias da época medieval, feudal, clássica, etc. Estas partes sedimentadas têm valores dentro de si que condicionam a ação. Por exemplo, o medo do patrão, a docilidade absoluta ao que o padre falou. Estes valores tornam o homem acanhado frente à realidade, faz com que ele dê explicações através de mitos e tabus. A politização proporcionará novos valores para que entrem em choque com os antigos, gerando deste choque uma crise cultural. (O raciocínio continua no tópico 2.7)

ENCONTRO RI ... DA JUVENT ... REFERENC ... AÇÃO ... J.I.C. ... B.HORLES ... C e 13/2 ... 3

2.3 - IDEOLOGIA - Somente uma cultura moderna foi possível o surgimento das ideologias, consequência das diferentes visões do mundo. Poder-se-ia dizer que surge uma ideologia quando um grupo ou classe social possui uma visão do mundo, numa significação global, e age para a consecução dos fins visados por eles. Hoje, vivemos num mundo de ideologias conservadoras em conflito com ideologias revolucionárias. Para alguns elas se polarizam em duas: liberalismo e socialismo, com as ramificações históricas no plano político, econômico, social, etc; já para outros, outras despontam - anarquismo, existencialismo... Para nós o importante é determinar o comportamento da Igreja dentro do mundo ideológico e as pistas para os projetos dos cristãos.

2.4 - Releva ainda rememorar a necessidade de conhecermos profundamente as experiências dos vários sistemas políticos, culturais, econômicos, sociais, principalmente nos países subdesenvolvidos (Capitalismo, néo-capitalismo, comunismo, socialismo, economia humana, etc.), e o que é possível assumir para a humanização plena do homem.

2.5 - PROCESSO HISTÓRICO - Como já ficou dito, o homem age. A ação modifica a realidade externa das coisas, forma o homem, aproxima os homens, e enriquece o universo dos valores humanos. Saber distinguir, pois, o sujeito e o objeto, o subjetivo e o objetivo, o condicionante e o condicionado, e assim por diante. Além disso, a ação do homem se desenvolve no tempo (passado, presente e futuro) e no espaço (sociedade nacional e internacional). É preciso saber fazer a leitura do processo da História, para onde ela se movimenta, qual o seu sentido, quais as forças de reação e de evolução, para não pôrmos um obstáculo ou cairmos num atraso histórico. Sem nunca esquecer o papel da Providência e a complexidade do homem.

2.6 - CRISTIANISMO - Faz-se necessário conhecer e viver a Mensagem autenticamente. Estudar e aplicar a doutrina social da Igreja. Refletir sobre a situação do Cristianismo, e nos seus compromissos libertar o autêntico do inautêntico, o permanente do caduco. "Parece-nos que, depois de durante séculos ter talvez roçado a tentação judáica da instalação direta do Reino de Deus no plano dos poderes terrestres, o cristianismo regressa lentamente à sua posição primitiva: renúncia ao governo da terra e às aparências da sua sacralização, para formar obra própria da Igreja, comunidade dos cristãos em Cristo, com os outros homens unidos para as obras profanas."

### 2.7 - TRÂNSITO DE CONSCIÊNCIA - F A S E S

		- <u>consciência crítica</u> (democracia)
○	○	
fase pré-científica (magia)	o homem não sabe da realidade (é sina)	- <u>consciência ingênua</u> (slogans; anti-democracia)

Passar da consciência ingênua para a consciência crítica = **POLITIZAÇÃO**

Todo homem é em si aberto e dinâmico. Não poderá haver também uma consciência totalmente estagnada. A consciência mais primitiva é a que se apega a aspectos biologicamente vitais. Deste apegar-se, por decorrência natural, advém o começo da consciência em trânsito. Iniciando o trânsito alarga-se o grau de percepção e de explicação da realidade na qual o homem se encontra. Surge, então, a consciência ingênua que importa em não crítica ou que não atinge a plenitude da realidade, incapaz de teorizar, de comunicar. E quando o tenta fazer é de modo simplório. É portanto consciência anti-democrática, pronta a ser massificada. É o que vem acontecendo no Brasil, dentre as classes rurais e urbanas, cuja consciência emotiva, sentimental, está pronta a aceitar os populistas, os demagogos, o messianismo dos condutores. A consciência crítica é a do homem senhor dos seus atos, responsável, que faz um diálogo lógico com sua realidade, e até mesmo com seu Criador. Esta é a autêntica cons

ciência do povo. A consciência existente em uma verdadeira democracia: a que examina, conclui e dependendo da sua formação leva às opções ou engajamentos históricos.

O cristão que ajudará a formular a consciência crítica tentará democratizar a história brasileira, dinamizando o potencial de cidadão que cada indivíduo tem, demonstrando que o homem vive no tempo e no espaço com direção à eternidade, ao encontro final com o Cristo.

Politizar é formar democracia, mas litificar é formar regime totalitário. Ora, quando um homem se coloca diante de outro ele transmite uma significação que ele dá ao mundo no qual os dois se encontram, surge uma relação entre estes dois homens, entre estas duas consciências. Esta relação pode ser de dominação, de imposição. É o que temos visto na História, onde sempre houve dominação de um homem sobre outro, de grupos sobre grupos, de nações sobre nações. Mas, para que haja desenvolvimento na História é preciso se chegar a um ponto de convergência, a uma comunicação entre os homens, através do mundo que eles têm interesse em compreender, transformar e utilizar para a sua realização humana. Para o Cristianismo essa reconciliação é a caridade, o amor, no Cristo.

Não podemos aceitar uma consciência que massifique outras, nem por intermédio de uma pessoa, de um partido, de um Estado, da propaganda. A marcha do mundo vem sendo feita nesta dialética da luta e da reconciliação.

2.8 - REALIDADE - Convém observar em profundidade a realidade brasileira e as implicações da realidade da América Latina e do mundo. Não cabe aqui esta análise. Ficamos apenas em alguns traços gerais : -

- a) O Brasil está em trânsito. A sociedade brasileira rompeu-se e traz dentro de si contradições profundas. Há uma crise substancial:
    - não existência de democracia,
    - divergência entre as aspirações da nação e os grupos que representam a nação.
    - liberdade de direito, formal, mas não liberdade de fato (condições de liberdade).
  - b) A realidade está em movimento, é dinâmica: para onde ela vai ?
    - Quem conseguir explicar a crise poderá determinar o futuro.
  - c) O homem brasileiro (na imensa maioria do proletariado rural e urbano, principalmente) tem valores na mente :
    - a coisa não vai, precisamos é de uma ditadura ...
    - cristianismo inautêntico
    - individualismo
- = Ele age hoje, com explicações no ontem =

A nossa missão - de politização - será lançar novos valores. Em consequência, os novos valores entrarão em choque com os velhos, produzindo uma crise geral.

SITUAÇÃO ATUAL - Vários grupos pretendem dirigir a sociedade brasileira em crise. Aquêles que desejam perspectivas evolucionistas, sem romper a ordem estabelecida ( a chamada direita - quase totalidade das burguesias ) e os que querem a manutenção dos privilégios, chegando mesmo a pretender um regimen fascista ( a chamada extrema direita - MAC, SEI, alguns setores das forças armadas). Em outro ângulo, há grupos que lutam por um regime de maior humanização, implantando uma justiça social ( a chamada esquerda - certas áreas do meio rural e urbano, alguns políticos, estudantes) e os que pregam uma revolução violenta (a chamada extrema esquerda: certas áreas do PC - grupo Tiradentes - algumas ligas camponesas). Estes últimos confundem-se às vezes com a extrema direita no histerismo e extremismo violento. E todos aquêles que esperam que o tempo se encarregará de fazer passar da consciência ingênua para a crítica esquecem-se que a rapidez do processo possibilitará massificação pelos extremistas ou pelos "messias" e "gorilas" que proliferam em sociedades sub-desenvolvidas.

"O momento excepcional da história que estamos vivendo exige com urgência a presença dos cristãos, a fim de salvaguardar os valores humanos ameaçados e estabelecer acima dos debates mesquinhos uma plataforma de entendimento entre pessoas e entre povos."

"Finalmente, a Igreja não cessa de incitar à confiança que depositamos nos homens de boa vontade desejosos de um mundo melhor..." "Sabemos que Deus ajuda a todos que desejam sinceramente o bem de seus irmãos em humanidade e que, com vigor, inteligência e tenacidade, tudo fazem para promovê-lo."

Ora, o cristão que é a eterna juventude do mundo deverá trazer aos que estão em crise um carregamento de esperança. Firmará os princípios que inspirarão o julgamento. Formará as consciências para a ação. Institucionalizará uma concepção de vida com os valores cristãos - projeto histórico.

- Os grupos politizados transformar-se-ão em instrumentos de pressão para romper com as estruturas injustas e as mentalidades burocráticas: os velhos grupos (latifundiários, burguesias) virão como reação.
- O Estado, representante dos grupos dominantes, lançará cargas de paliativo por intermédio de leis;
- O grupo com consciência crítica, sabendo o que quer, marchará firme e seguro.

### 3. TIPOS DE POLITIZAÇÃO

- base: valores mínimos para uma consciência crítica;
- complementar: ampliar os conhecimentos e estimular a ação.

### 4. MÉTODOS DE POLITIZAÇÃO

- contacto direto: contacto pessoal, o mais proveitoso
- contacto indireto: (instrumentos) - rádio, panfleto, etc.

### 5. MEIOS DE POLITIZAÇÃO

- folclore, parte da cultura popular: é a consciência do povo à tona, à mostra.
- ?) o povo criou canais de comunicação: lenda, trova, folclore.
- ?) aproveitar estes canais para chegar ao povo
- ?) caminhar com o povo = consciência crítica do povo.
- ?) cursos - boletins - teatro - fantoches - concentrações, etc.

### SUGESTÕES PRÁTICAS PARA UM PROJETO DE POLITIZAÇÃO DIRETA E INDIRETA

- Levantamento dos recursos internos que se tem.
- Que todo o trabalho seja inspirado numa linha de conscientização.
- Escolha de áreas-piloto onde se começará o processo; para esta escolha é preciso um estudo profundo da realidade da região e dos diversos tipos de cultura (uma zona de café é diferente de uma usina de açúcar, apesar de traços comuns).
- Caracterizar bem a área escolhida: forças, recursos, pressões, etc.
- Entender-se com grupos capacitados: professores, médicos, bacharéis, etc. que ajudarão o processo; escolher elementos capazes de influenciar no local.
- Divisão da área em setores, com responsáveis em cada um.

NOTA: Antes de se iniciar o processo é de importância uma pesquisa para testar o nível de conscientização das pessoas; isto ajudará a:

- revelar o ponto mais raiho da colocação do indivíduo frente à realidade;
- servir de instrumento para mostrar o nível de absorção do processo.

Com todos os instrumentos e meios disponíveis entra-se na politização, sobre todos os assuntos atrás referidos.

Bibliografia utilizada: O Personalismo/E. Mounier; Manifesto/Lebret; Vários textos/Pe. Henrique Vaz; Apontamentos e Reflexões/LEW; Trabalho sobre politização/grupo Natal. Experiências: Grupo de politização de Natal/Cearámirim; Movimento comunitário de Ijuí.

mlr